



UNIVERSIDADE DA BEIRA INTERIOR
FACULDADE DE ENGENHARIA
Departamento de Ciência e Tecnologia Têxteis

Análise simbólica e redesign da capulana em Moçambique

(versão final após defesa)

Henriqueta Armando Macuácu

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Design de Moda
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Prof^a. Doutora Rita Salvado
Co-orientador: Mestre Fernando Tivane

Covilhã, Dezembro de 2017

Dedicatória

Á minha família, aos meus pais que sempre acreditaram em mim e me incentivaram a estudar.

Ao Arone que sem o seu apoio moral não teria sido possível elaborar o presente trabalho e às minhas irmãs pelo apoio, companheirismo e cumplicidade em todos momentos da vida.

Agradecimentos

Quero expressar o meu agradecimento a todos que me acompanharam, e colaboraram direta ou indiretamente, para elaboração do presente trabalho.

Agradecer em primeiro lugar a Deus, pelo dom da vida, saúde e por sempre me vigiar e acompanhar em todos os passos desta e de outras caminhadas da vida, sem nunca de mim desistir.

Agradeço reconhecido a orientadora: professora Rita Salvado, lembro me sempre o quão foi acolhedora e uma mãe me ajudando em todos momentos, pela paciência e disponibilidade que demonstrou durante a elaboração do presente trabalho, mostrando-se sempre apta a ajudar e a guiar-nos, dando dados importantes para pesquisa, organização e estrutura do trabalho.

Agradeço também a todos colaboradores (entrevistados), que disponibilizaram o seu precioso tempo e explanaram-nos sobre as suas áreas de conhecimento dando desta forma, dados que foram cruciais para elaboração do trabalho. Nomeadamente aos fornecedores da capulana na baixa da cidade e mercado xiphamanine, os médicos tradicionais e as mulheres.

Ao ISArC (Instituto Superior de Artes e Cultura, de Maputo), por me conceder a bolsa de estudos, além de contribuir no meu crescimento académico, ajudaram-me a realizar um sonho que era estudar moda. Aos professores (Rui Miguel, José Lucas, Santos Silva, Madalena Pereira e João Batista) por todos ensinamentos.

Ao José (artista e comerciante no FEIMA), que ajudou na realização dos protótipos em batique, e agradecer ao Fernando Tivane meu co-orientador que contribuiu bastante no desenvolvimento do trabalho.

Agradecer aos meus colegas de turma, meus companheiros desta longa caminhada, pela amizade e companheirismo, em especial a Camila Santos, com a qual partilhei os momentos de experiência na confeção, Ao Arone Bila companheiro de todos momentos sempre me apoiando emocionalmente, e por fim amigos que fui conhecendo na Covilhã que contribuíram em vários aspetos da minha vida (Nadir, Sunny, Elisabeth) entre outros que não enumerei.

E por último e não menos importante, expressar o meu agradecimento a minha família, que deram-me o seu apoio incondicional durante o curso e durante a realização do presente trabalho, em especial aos meus pais Armando Júlio Macuacua e Jordina Jossias chau, as minhas irmãs Ana Macuacua, Otília Macuacua, Matilde Macuacua e meus irmãos Júlio Macuacua e Nelson Macuacua, família que Deus me presenteou, para velar por mim aqui na terra.

"Mulher que não usa capulana não é mulher"
(provérbio popular moçambicano)

Resumo

O presente trabalho de pesquisa, “Análise simbólica e redesign da capulana em Moçambique”, tem como objetivo geral recriar capulanas inspiradas na cultura, nomes tradicionais, crenças e padrões costumeiros moçambicanos. A revisão bibliográfica é de extrema importância para compreender o processo histórico da capulana, sua definição, tradição e modernidade. A pesquisa de campo consiste no uso de técnicas como entrevista com os consumidores da capulana e alguns vendedores. Igualmente é usada a técnica de observação participante em algumas lojas e mercados da cidade de Maputo para captar as racionalidades subjacentes ao uso da capulana. Este estudo visa, na parte técnica, adicionar um elemento externo que contenha informação sobre o produto explicando as suas funções e conservação como forma de alargar o mercado para os turistas, que levam consigo uma capulana, nas viagens feitas a Moçambique. Dai a importância de adicionar uma informação através dum catálogo explicando a simbologia e formas de uso da capulana.

Palavras-chave

Capulana, Cultura, Redesign, Simbologia, tradição, Modernidade, Design têxtil/estampa.

Abstract

The present research work, "Symbolic analysis and redesign of the capulana in Mozambique", has the general objective to recreate capulanas inspired by the culture, traditional names, beliefs and customary mozambicans. The bibliographical revision will be extremely important to understand the historical process of the capulana, its definition, tradition and modernity. Field research will consist of using techniques such as interviews with capulana consumers and some vendors. Also the participatory observation technique will be used in some stores and markets in the city of Maputo to capture the rationalities underlying the use of capulana. This study will aim, in the technical part, to add an external element that contains information about the product explaining its functions and conservation as a way of expanding the market for the tourists who always carry a capulana in the trips made to Mozambique, hence the importance of Add information through a catalog explaining the symbology and ways of using capulana.

Keywords

Capulana, culture, Symbology, Redesign, tradition, Modernity, Textile Design / print.

Índice

Capítulo 1. Introdução	1
1.1. Objetivos	6
1.2 Os objetivos específicos do trabalho são:	6
1.3. Motivação.....	7
1.4. Grupo alvo.....	8
1.5. Estrutura do trabalho	8
1.6. Contextualização	9
1.6.1.Origem e história da capulana	9
Capítulo 2. Fundamentação teórica	13
2.1. Origem do nome capulana	15
2.1.1 Definição da Capulana.....	15
2.2. Simbologia.....	20
2.3.Tradição	22
2.4. Modernidade	24
2.5. Cultura	25
2.6.Design têxtil	26
Capítulo 3. Simbologia da capulana.....	29
3.1. O processo de dar nome à capulana	35
3.1.1. A capulana nos rituais	36
3.1.2. A capulana no processo de libertação em contacto com espíritos.	37
3.2. Mucume	42
3.3. Usabilidade da capulana	48
Capítulo 4. Redesign da capulana.....	53
4.1. Metodologia da pesquisa do campo.....	55
4.2. Apresentação e discussão dos resultados	56
4.3. Desenvolvimento dos padrões	68
4.3.1. Fase de planeamento	68
4.3.2. Paleta de cores	69
4.3.3. Fase da especificação do projeto	70
4.3.4. Geração de alternativas.....	72
4.3.5. Delimitação conceitual	76
4.3.6. Conceito padrão Malangatana	76
4.3.7. Conceito padrão CFM (caminhos de ferro de Moçambique).....	77
4.3.8. Conceito padrão dinembo (tatuagens maconde)	77
4.3.9. Conceito padrão Mafura (Fruta típica de Moçambique)	78
4.3.10. Realização.....	79
Capítulo 5. Conclusões e perspetivas futuras	83
5.1. Conclusão.....	85
5.2. Perspetivas Futura	85
Referências Bibliográficas	87
Anexos.....	89

Lista de Figuras

Figura 1.1. "Ilustração da capulana" (inspirada na savana, e figuras geométricas).	4
Figura 2.1. Mucume e Vemba.	16
Figura 2.2. A mulher faz uma demonstração do uso do mucume e vemba para o dia a dia.	17
Figura 2.3. <i>nthehe</i> , usado para aconchegar o bebe nas costas.	18
Figura 3.1. (capulana WhatsApp).	32
Figura 3.2. (capulana com uma mensagem educativa, em relação aos riscos de contrair doenças como HIV/SIDA).	33
Figura 3.3. (capulana "politica" ilustrando presidente de Moçambique)	34
Figura 3.4. (curandeiro vestido de capulana preta, acompanhando com adornos "colares" penteado de cabelo feito de fios de sisal)	38
Figura 3.5. "Capulanas típicas para curandeiros"	40
Figura 3.6. "A viúva usando o mucume com o intuito de esconder o choro" ...	42
Figura 3.7. "A mãe e as tias da noiva trajadas do mucume na cerimónia Lobolo"	44
Figura 3.8. "A noiva é entregue sendo necessário pagar para que lhe tirem a capulana" <i>mucume</i> do rosto"	45
Figura 3.9. "Mulher celebrando com cantos a fase que termina da entrega do <i>dote</i> à família da noiva"	45
Figura 3.10. "A mulher destapa a noiva, tirando o mucume do rosto"	46
Figura 3.11. "Mulher trajada do mucume na cerimónia do lobolo celebrando com canto tradicional"	46
Figura 3.12. "Mucume ni vemba"	48
Figura 3.13. "Mulheres jovens e solteiras"	49
Figura 3.14. "Mulher casada"	50
Figura 4.1. "Momentos da entrevista com mulheres adultas no Distrito de Manhiça "numa cerimónia fúnebre)	57
Figura 4.2. "Momentos da entrevista com mulheres jovens no Distrito de Manhiça" numa cerimónia fúnebre)	57
Figura 4.3. Gráfico relativo a ocasiões em que mulheres jovens usam a capulana	58
Figura 4.4. Gráfico relativo a ocasiões em que mulheres adultas usam a capulana	58
Figura 4.5. "Mulher usando a capulana em trabalhos domésticos"	59
Figura 4.6. "Mulheres jovens usando capulana como indumentária no seu dia-a-dia"	60
Figura 4.7. "Mulher adulta usando capulana como indumentária no seu dia-a-dia"	61
Figura 4.8. "Mulheres jovens vestindo a capulana de forma a combinar "Cerimónia alusiva ao dia 1 de maio, dia do trabalhador"	62
Figura 4.9. Gráfico relativo à simbologia da capulana para mulheres jovens .	63
Figura 4.10. Gráfico relativo à simbologia da capulana para mulheres adultas	63
Figura 4.11. Gráfico dos padrões preferidos pelas mulheres jovens	64
Figura 4.12. Gráfico dos padrões preferidos pelas mulheres adultas	65
Figura 4.13. Gráfico das cores preferidas pelas mulheres jovens	66

Figura 4.14. Gráfico das cores preferidas pelas mulheres adultas	66
Figura 4.15. (especificação das fases do projeto)	68
Figura 4.16. " Pesquisa de imagens de capulanas no mercado Fonte: autora.	69
Figura 4.17. "Estudo de cores"	70
Figura 4.18. "Imagens do CFM como inspiração" (Monumento histórico).....	71
Figura 4.19. "Pinturas do Malangatana como inspiração"	71
Figura 4.20. "Tatuagens maconde como inspiração"	72
Figura 4.21. "Imagens da mafura como inspiração"	72
Figura 4.22. "Esboços do padrão CFM"	73
Figura 4.23. Propostas para a produção final (capulana CFM)	73
Figura 4.24. Esboços do padrão Malangatana	74
Figura 4.25. Esboços do padrão <i>dinembo</i> (tatuagens maconde)	75
Figura 4.26. Esboços do padrão Mafura (Fruta).....	75
Figura 4.27. Propostas finais	76
Figura 4.28. Capulana Malangatana	79
Figura 4.29. Capulana Dinembo.....	80
Figura 4.30. Capulana mafura.....	80
Figura 4.31. Capulana CFM	81

Lista de Acrónimos

FEIMA- Feira Internacional de Maputo

ISArC- Instituto Superior de Artes e Cultura

UBI - Universidade da Beira Interior

Capítulo 1. Introdução

Introdução

“Análise simbólica e redesign da capulana em Moçambique” é o tema de pesquisa da presente dissertação de mestrado em Design de Moda. O mesmo tem como objetivo geral recriar capulanas inspiradas na cultura, nomes tradicionais, crenças e padrões costumeiros moçambicanos.

Atualmente a capulana tem sido a base da indumentária das mulheres, dos homens e das crianças “africanos”; capulana é um fator de identidade para os povos africanos. Este pano é designado, em diferentes países da África, de ganga, pano do Congo ou mesmo de pano africano. A capulana tem um forte conceito tradicional no mercado, e as pessoas vão atribuindo nomes recorrendo ao dialeto de acordo com os desenhos ilustrados nos padrões (André, 2016, p.30).

Apesar de não se saber exatamente a origem da “capulana”, a explicação conhecida remonta ao século XIX. Esta explicação está relacionada com as feiras periódicas que se realizavam nos terrenos do chefe tradicional e príncipe Polana Mpfumo, irmão do rei ronga Mashakene Mpfumo, na zona de vila colonial portuguesa da ponta vermelha, na então cidade de Maputo, antigo Lourenço Marques, nomeadamente onde se encontra o Hotel Polana. Neste local aconteciam as feiras de tecidos estampados entre outros panos e produtos, incluindo os belíssimos tecidos orientais e outras bugigangas muito apreciados pela população ronga da região, sobretudo pelas mulheres que ali se deslocavam para as compras e diziam em idioma local ronga, *ni a ka-pulana*, o que traduzido quer dizer “vou as terras do Polana”, (André, 2016, p.17).

Desde então as capulanas começaram a ser usadas pelas mulheres moçambicanas. Inicialmente foi usada de forma tradicional fazendo de lenço na cabeça, e enrolando os membros inferiores fazendo de saia. Os comerciantes foram introduzindo capulanas inspiradas na cultura moçambicana, porque as capulanas que chegavam a Moçambique eram com motivos da Indonésia. Mais tarde as capulanas começaram a desempenhar uma função social em função dos lugares e dos contextos para curandeiros, cerimónias fúnebres, épocas festivas, para o dia-a-dia (Renata, 2013, p.4).

Por exemplo, levar consigo uma capulana para longas viagens significa ser uma mulher sábia, adulta, porque é uma forma de se precaver de algum incidente (começo repentino de período menstrual), rasgo da peça de roupa, “saia”, quando estiver em locais públicos, ou ao receber uma visita que conserva os princípios da tradição (André, 2016, p.23).

Apesar de a bibliografia sobre a definição da capulana ser quase inexistente, a autora Cláudia Renata (Renata, 2013), define capulana como um pano retangular de algodão, por vezes misturado com fibras sintéticas, com motivos estampados e cores fortes. Algumas estampas

representam a flora e fauna das savanas do Moçambique e também desenhos geométricos pela forte influência árabe (ilustração fig.1.1).

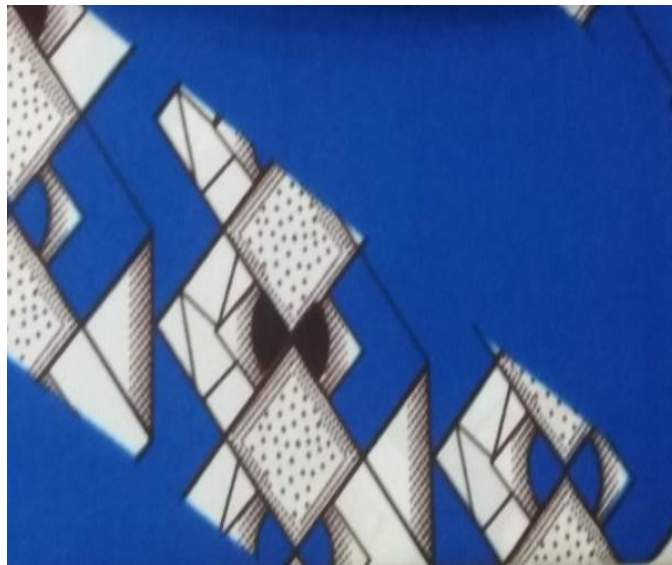


Figura 1.1."Ilustração da capulana" (inspirada na savana, e figuras geométricas).

Fonte: da autora

A capulana é um material para toda mulher moçambicana, é usada para manter o corpo da mulher mais respeitado, em determinados lugares para onde ela se desloca. Traz memórias do passado para o presente através das suas cores, e transmite esses mesmos acontecimentos as novas gerações, e é vista como algo que transporta valores culturais moçambicanos (André, 2016).

Esta transmissão acontece de várias formas, (a capulana pode trazer memórias do passado para o presente, por exemplo, quando se trata de uma capulana que carregou o seu filho, a capulana que casou a sua filha, que carregou a colheita,) elas retratam esses acontecimentos as novas gerações que passaram ou tiveram um familiar que fez parte deste processo. As capulanas com ilustração de figuras artísticas, religiosas, florestais entre outras trazem memórias culturais.

A simbologia diz respeito a um fenómeno fundamental da cultura humana, na medida em que a mesma se exprime através de um vasto conjunto de padrões de comportamento e de instituições sociais. “Devido à simbolização, todas as manifestações materiais e ergológicas da atividade humana adquirem um significado cultural” (Bernandi, 1974, p.28, *apud* Roseiro, 2013).

Os símbolos assumem particular relevância, uma vez que os mesmos fazem parte da existência humana, enquanto mediadores na interação intra e inter-grupos. Através dos símbolos, o homem pode “...explicar e trazer para o âmbito do palpável aquilo que de outro modo é inimaginável”. Mas o próprio termo «palpável» implica um conceito simbólico, da mão que quer apalpar, para poder melhor avaliar o que se vê! Portanto, é fácil de se verificar que a simbologia atinge até o âmbito da linguagem do quotidiano, das expressões idiomáticas. Mas ela também se esconde atrás da ameaçadora maré imagética da propaganda industrial, nos lemas e distintivos da política, nas parábolas do mundo espiritual religiosos, nos ícones e códigos das culturas estranhas e remotas, em cerimoniais jurídicos e objetos de arte, em obras poéticas e personagens históricas - por toda a parte onde um portador de significado transmita algo que ultrapasse sua forma meramente banal e exterior” (Biedermann, 1993. p.5 *apud* Roseiro, 2013).

Desta forma, o símbolo corresponde a “Qualquer realidade empírica afetada coletivamente por valências e significações que ultrapassam indefinidamente o que é apreendido pela percepção imediata. O símbolo constitui, portanto, a forma de linguagem dinâmica (Thines& Lempereur, (sd), p.847, *apud* Roseiro, 2013).

Ao longo do trabalho teremos a oportunidade de demonstrar como funciona a simbologia na capulana, em detrimento dos lugares onde é usado, e o significado de diversos tipos de capulana, tradicionalmente usados em cerimónias fúnebres, casamento tradicional (lobolo), épocas festivas, rituais religiosos e usados pelos médicos tradicionais (Curandeiros).

Redesign é compreendido como o ato de reformular, renovar, surge de necessidades variadas, as quais variam de acordo com seu propósito, pode ser para uma renovação visual, atualização, correções estéticas (Jorge, 2015, p.32).

Pode ser compreendido como a reformulação do Design de algo, a necessidade de renovar por diversas razões, pode ser pelo aparecimento de novas técnicas, de novos materiais, para eliminar falhas existentes ou como estratégia de marketing para renovar o produto no mercado, não só conceitos visuais, mas sistemas de produtos. Quando se propõe o redesign para algo é comum manter uma conexão com o que já existia previamente, há casos objetos, materiais, ou produtos, que adquiriram um visual novo, o qual pode ter surgido por readequação ao momento, novo posicionamento ou novas tendências (Jorge,2015).

O redesign da capulana consistirá em contribuir no desenvolvimento artístico cultural através da recriação de capulanas que têm como inspiração, obras de arte como é o caso das pinturas plásticas do artista Malangatana, mestre das artes plásticas em Moçambique, conhecido como emblemático pintor do continente africano. Serão desenvolvidos padrões que se inspiram em outros elementos culturais, monumento histórico (Caminhos de ferro de Moçambique,) "Mafura" Fruta, "dinembo" tatuagem maconde, trazendo novos significados simbólicos e culturais. Implementar tecnologia de informação sobre o uso e conservação da capulana, como forma de alargar o mercado para turistas e as novas gerações que em alguns casos não têm conhecimento da simbologia da capulana. Não é objetivo do projeto propor um novo tipo de material a ser usado na capulana, as pesquisas feitas no campo provam que a capulana é assim chamado, pelo fato de ser num tecido de algodão, rijo, e por vezes em poliéster, adequado para o ambiente climático do país.

1.1. Objetivos

Este trabalho tem como objetivo geral recriar capulanas inspiradas na cultura, nomes tradicionais, crenças e padrões costumeiros moçambicanos.

1.2 Os objetivos específicos do trabalho são:

- Identificar as diversas formas do uso da capulana e seu significado simbólico,
- Descrever os símbolos e os padrões estampados da capulana de Moçambique.
- Desenvolver novos padrões com inspiração na cultura moçambicana.
- Recriar uma coleção de capulanas com padrões que transmitam alguma simbologia ou significado para as mulheres moçambicanas trazendo na memória delas algum momento, seja histórico, cultural, ou nome de algum objeto (artístico, ritual, musical etc.)

- Introduzir um elemento extra com conteúdos que facilitem a compreensão histórica e do uso da capulana para os turistas.
- Implementar etiquetas que possam explicar a lavagem e conservação da capulana.

1.3. Motivação

Pretendo trazer contribuições a nível da pesquisa simbólica, e memórias da capulana, pelo fato de a bibliográfica sobre esse assunto ser quase inexistente, e por ter notado que há cada vez mais pessoas a usar a capulana como indumentária em diferentes momentos das suas vidas (cerimónias festivas, fúnebres, etc.), e os Designers africanos em parte apropriarem-se da capulana nas suas criações. Dai a curiosidade de pesquisar a sua proveniência e simbologia e como estudante e profissional da área do Design de moda querer contribuir através do redesign, a recriar capulanas que tragam memórias para as mulheres, que constituem o grupo alvo da pesquisa.

E sendo o Design uma área interdisciplinar que busca outras ciências na sua conceção e desenvolvimento de projetos e pesquisas de tendências, a antropologia cultural é um dos campos da ciência na qual o Design de moda se espelha no desenvolvimento das suas coleções. O Design têxtil tem ainda como objetivo potenciar o valor comercial de um tecido. Como tal o Designer deverá ter conhecimentos de marketing que lhe permitam não só desenvolver um tecido de acordo com os condicionantes do mercado para o qual se destina mas também levando em conta as características socioculturais dos possíveis consumidores desse tecido de forma a responder às suas necessidades. (Dailene, et al.2013)

Como resultado o desenvolvimento do vestuário, e em particular da capulana, deve ser adequado ao indivíduo de forma singular, cultural, ideológica e considerando a funcionalidade do artigo. Conhecer a importância do artigo de grupo para grupo e de sociedade para sociedade, estabelecendo os necessários vínculos com os sectores económicos e sociais são de extrema importância para a conceção de novos produtos têxteis. Dos fatores culturais resulta o apreço e consciência com que os consumidores compram os artigos. (Dailene, et al.2013).

Desta forma a recriação das capulanas pretende responder com características socioculturais das mulheres moçambicanas, através de aspetos culturais e artísticos que serão implementadas nos padrões a serem desenvolvidos, como forma de trazer contribuições simbólicas e memórias. Visto que a capulana, é um material que além da componente estética tem um significado simbólico e traz memórias através dos seus padrões e que são inspirações de cultura local.

1.4. Grupo alvo

O grupo alvo deste estudo são as mulheres moçambicanas e as turistas como forma de alargar o mercado. A pesquisa analisa a simbologia da capulana do ponto de vista do uso em diversos momentos da vida das mulheres e recriar capulanas que tragam memórias para elas e que possam ser úteis em algum momento das suas vidas (festas, dia a dia, entre outros momentos). O desenvolvimento de um novo produto deve ser sempre orientado para o consumidor pois as possibilidades de sua aceitação no mercado estão diretamente relacionadas com o atendimento das expectativas deste consumidor. Isto significa que, para desenvolver e lançar um novo produto no mercado, é de fundamental importância conhecer os desejos, as expectativas e as necessidades do segmento-alvo para o qual o produto será desenvolvido (Grzebieluckaset al., 2001).

As pesquisas de campo serão de extrema importância para captar racionalidade subjacente do grupo alvo, e para responder as suas expectativas serão feitas entrevistas com os consumidores moçambicanos, visitas as lojas, pesquisa de elementos locais, artísticos, culturais de Moçambique para componente pratica que constitui o desenvolvimento dos padrões da capulana.

1.5. Estrutura do trabalho

A subdivisão do trabalho é por 5 capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se o enquadramento, Objetivo geral, Objetivos específicos, Motivação, grupo alvo e contexto histórico da capulana.

No capítulo dois, corresponde a definição de conceitos, capulana, tradição, modernidade, simbologia, cultura, Design têxtil.

No capítulo três é apresentada a análise simbólica da capulana, o processo de dar nome a capulana, a capulana nos rituais (Lobolo casamento tradicional, cerimónias fúnebres), com auxílio do questionário que será dirigido ao grupo alvo recolhendo conteúdos em torno da simbologia da capulana.

O quarto capítulo, também parte experimental do trabalho, inclui: redesign da Capulana, desenvolvimento com base no capítulo anterior dos padrões inspirados na cultura moçambicana (protótipos), conceito da coleção, mood-board (imagens de inspiração), estudo de caso, geração de alternativas, ilustração do grupo alvo/mercado (Painel), desenvolvimento dos elementos extra (etiquetas...), protótipos finais.

Para finalizar, no capítulo cinco são expostas as conclusões obtidas com esta investigação e as perspectivas futuras que poderão nascer a partir deste trabalho, de modo a dar-lhe continuidade e complementaridade.

1.6. Contextualização

1.6.1. Origem e história da capulana

O uso da capulana remonta a tempos anteriores aos descobrimentos, mas foi com as viagens dos portugueses à Índia que aumentou o comércio dos panos. Eram trocados em Moçambique por produtos de grande valor comercial como ouro, marfim. E muitos comerciantes estrangeiros tinham por obrigação oferecer tecidos às mulheres dos líderes e comerciantes africanos com quem faziam comércio. (André, 2016, p.20).

Existem porém, várias histórias sobre a origem da capulana, apesar de ela ainda continuar um enigma. Na África oriental falante de swahili, diz-se que a maneira de vestir capulana surgiu no séc. XIX quando as mulheres começaram a comprar lenços (leso em swahili) de tecido de algodão estampado e colorido trazido pelos mercadores portugueses do oriente para Mombaça. (Torcato 2010)

A capulana é descendente do bertangi (ou bertangim), tecido de algodão vermelho e azul fabricado na Índia (Surate, Cambaia, Diu e Damão), que serviu como moeda. É importante referir que anteriormente ao tecido importado desenvolveram-se em Moçambique algumas formas de tecelagem, e várias regiões de Moçambique experimentaram o uso de têxteis. Entre séc. XVIII e XIX, os estados Marave do norte de Moçambique, produziam panos de algodão e de cor branca "machiras" que faziam parte do comércio internacional na costa oriental de África. (André, 2016,p.17).

No período em que a importação de tecidos (caqui, fazenda, cafreal, bertangil e outros) começa a ganhar uma grande dinâmica, as sociedades africanas estavam, interessados em usar tecidos vindos de fora. Foi nesse processo de introdução de panos importados que no séc. XIX, em certas regiões de Moçambique como a baía de lagoa, o litoral de Inhambane, a ilha de Moçambique, o litoral de cabo-delgado, começam a surgir distinções mais conscientes entre aquilo que hoje se chama de capulana e outras variedades de tecidos.

Segundo Cláudia Renata (Renata 2013, p.4), a origem da capulana é resultado das relações comerciais que se estabeleceram com os povos asiáticos e árabes, no séc. XIX. O comércio colonial em Moçambique tinha como moeda de troca o ouro e marfim, como contrapartida, os comerciantes estrangeiros traziam o pano (Bertangim, da Índia) no período colonial

português. Foi nesse processo de troca que o tecido trazido da Índia se tornou um vestuário importante na cultura moçambicana.

Segundo a autora Angélica André 2016, os primeiros panos chegam a Moçambique num tamanho menor de 25cm do tamanho dum lenço, e as mulheres mandavam cortar seis quadrados de uma vez, dividiam este pano ao meio e coziavam o lado mais comprido fazendo uma capulana de 3x2 lenços.

As mulheres moçambicanas montavam suas capulanas e com elas envolviam o corpo e as amarravam produzindo diferentes vestes. A partir dessa apropriação e do uso que elas deram aos tecidos comprados, os comerciantes na Índia e outros da Ásia, produziam os panos já com a largura e o comprimento do padrão desejado.

As estampas inicialmente eram baseadas no sari indiano e no sarongue indonésio, os motivos maiores ficavam no centro e uma barra era colocada entorno. Com o aumento do consumo dos produtos fez com que os moçambicanos traduzissem a estamparia de acordo com a sua cultura.

As mulheres moçambicanas tiveram um papel importante na introdução da capulana como cultura do vestuário moçambicano, com diferentes usos cotidianos e tornando-se um adereço tradicional, adquirindo diversos significados que foram a ela atrelados ao longo do tempo, tornando-se representação da cultura local. (Renata, 2013,p.4)

No litoral de cabo delgado por exemplo, no princípio do séc. XX, as mulheres que tivessem possibilidade para comprar as capulanas, usavam as de designação específica de *tuukwe* ou *suuka*. O *tuukwe* tem cor preta, e a *suuka*, a cor branca, e estes dois tipos de capulana não possuem qualquer motivo decorativo. E o uso de cores específicas estava em associação com a posição social, rituais tradicionais, convicções culturais e religiosas, e interligava-se também ao processo de diferenciação social e desenvolvimento socio-cultural. (André, 2016,p.17).

Esta distinção social existe até aos dias atuais, através do uso da capulana pode-se distinguir grupos sociais, (curandeiros) médicos tradicionais dos demais grupos. Vestem uma capulana específica, geralmente de cor vermelha, preta, branco entre outras.

No norte e sul de Moçambique, as mulheres usavam 2 pedaços de capulana, uma à volta da cintura, que descaía até ao joelho ou abaixo do joelho, e outra à volta do peito. Mesmo assim o tamanho das capulanas variava consideravelmente de mulher para mulher. Entretanto, para usar capulanas compridas, a mulher tinha que ter necessariamente condições materiais para o acesso a este produto. Por esta razão, passou-se a produzir panos com a largura e o comprimento que as mulheres pretendiam. Em qualquer parte do país as primeiras mulheres a

vestir capulanas compridas eram esposas dos reis, chefes e comerciantes. O que de certa forma influenciou o consumo excessivo da capulana, através de encomendas feitas na Índia entre outros lugares da Ásia, deixando os tamanhos menores.

Segundo a autora Angélica André (André 2016), foi no séc. XX, nos anos 1920 que a capulana surge como uso massivo, e capulanas coloridas feitas em algodão, e poliéster.

Para o caso do norte de Moçambique, regiões como (*Chiúre, Ancuabe, e Quissanga*), o uso generalizado de capulanas coloridas no princípio do séc. XX, foi imediatamente antecedido da introdução gradual de lenços a cores, com fundo branco ou claro, com flores muito pequenas. É assim que a introdução em separado do lenço e da capulana com motivos decorativos, explica em parte a razão por que em muitos casos, a indumentária típica da mulher em vários pontos do país, é um lenço com uma capulana de padrões diferentes.

No início do séc. XX as capulanas indicavam a posição social, através da diferenciação das cores,

No litoral de cabo delgado as mulheres com possibilidades financeiras vestiam as capulanas intituladas *tuukwe* ou *succa*. A primeira tem a cor preta e a segunda tem a cor branca. Os comerciantes vendiam-nas, cortando-as em duas peças de tecido com um comprimento de quatro metros. Já no sul de Moçambique, na região de *Delagoa* as mulheres com posses vestiam-se com pano azul-escuro sem qualquer padrão. O uso das cores indicava ainda a posição social, ritual e convicções culturais e religiosas. Deste modo as mulheres, em particular as mulheres casadas, contribuíram indubitavelmente para acelerar o processo de transição do uso de roupa feita à base de palha seca ou folhas de árvores, para o emprego de um simples pedaço de tecido que inicialmente cobria somente as partes íntimas do corpo. (André,2016,p.20).

Dos anos de 1930-1940 em diante, em todo o território moçambicano, incluindo as zonas do interior e do litoral, generalizou-se o uso da capulana. Nesta altura, a diferenciação social entre as mulheres determinava-se essencialmente pelas possibilidades económicas, e não pelo estado civil.

A partir deste período, em quase todo o país a mulher camponesa passou a ter acesso à capulana através da troca com produtos agrícolas. Do norte ao sul de Moçambique, e dependendo do tipo de cultura agrícola típica de cada região, generaliza-se a prática da troca de castanha de caju, amendoim, gergelim, e outros produtos por capulanas. (André,2016,p.20)

Com o desenvolvimento económico e social, as mulheres foram utilizando panos e capulanas cada vez maiores, e à medida que o número de consumidores aumentava, a capulana tornou-se um elemento obrigatório no comércio com estrangeiros.

De acordo com as autoras já citadas, conclui-se que a capulana não é de origem moçambicana, surge através das relações comerciais que se estabeleceram com os povos asiáticos e árabes, posteriormente à chegada dos europeus, no séc. XIX. E tinha como moeda de troca o ouro e marfim, em contrapartida, os comerciantes estrangeiros traziam o pano (*Bertangim*, da Índia) no período colonial português. Foi nesse processo de troca que o tecido trazido da Índia se tornou um vestuário importante na cultura moçambicana. Inicialmente sinónimo de distinção social, as esposas dos reis, chefes e comerciantes, foram as primeiras a usarem capulana com tamanho maior, de pano azul-escuro sem qualquer padrão. O que de certa forma influenciou o consumo excessivo da capulana, através de encomendas feitas na Índia entre outros lugares da Ásia, deixando os tamanhos menores que eram somente para mulheres da classe social baixa. E com padrões inspirados na cultura local em Moçambique, porque os primeiros tecidos eram com motivos inspirados na cultura da Indonésia e asiática. Atualmente a capulana é um elemento cultural dos moçambicanos, pois ao longo do tempo, foi sendo empregue em vários momentos das suas vidas, podendo ser usado por "Curandeiros" médicos tradicionais, em cerimónias fúnebres, para o dia-a-dia, e em festas. Sinónimo de respeito e simbologia traz memórias para as mulheres moçambicanas e a levam em todos os lugares, em grandes viagens, usado também para fazer vestuário para homens e crianças.

Capítulo 2. Fundamentação teórica

Definição (Capulana, Simbologia, tradição, Modernidade, Cultura, Design têxtil/estampa)

2.1. Origem do nome capulana

Antes de definir capulana, é importante perceber a origem do nome capulana. Segundo a autora Angelica André (André, 2016), o nome capulana vem de *Ka pulana* de origem tsonga, usado de norte a sul de Moçambique. Apesar de ter muitos nomes vernáculos para identificar cada tipo de pano, pelos seus desenhos e figuras geométricas, o termo capulana é o mais usado para designar tecidos coloridos com estampa e sem estampa. Actualmente faz parte da língua portuguesa mas a palavra não é de igual origem. Uma das explicações que se dá ao fenómeno é o fato de este derivar do termo *ka pulana* que significa lugar do regulo polana, hoje integrado na cidade de Maputo. A palavra capulana não se usa em nenhum outro país africano de língua portuguesa. É designado como pano africano, em Brasil, tendo como sinónimo *kanga* (palavra em *swahili*, que significa galinha indiana). (André,2016,p.17)

O prefixo "*Ka*"significa "*na*"ou "*no*", para referir-se a um lugar (cidade, casa, etc) e pulana é o nome do espaço onde decorriam as feiras dos tecidos antigos, pulana Mpfumo, localizada em Maputo. Tem atualmente como referência o hotel polana, que é espaço turístico. A população moçambicana quando ia comprar os panos, dizia no seu idioma "*ni a ka-pulana*", o que traduzido quer dizer "vou as terras do Polana".A palavra *ka pulana* foi empregue na língua portuguesa designando capulana, referindo os panos antes *bertangil* ou *bertangim* trazidos pelos portugueses durante o processo de trocas comerciais (André, 2016).

2.1.1 Definição da Capulana

É um pano de dimensões variadas, feito de algodão, ou por vezes de fibra sintética, normalmente de cores brilhantes ou vivas, com motivos africanos, incluindo símbolos da natureza, florestal, cultural ou abstratas e padrões geométricos variáveis. (André,2016,p.22).

Para Claudia Renata (Renata, 2013,p.3) a capulana é um pano retangular de algodão, misturado com fibras sintéticas, com motivos estampados e cores fortes. As estampas por vezes representam a flora e fauna das savanas do Moçambique e também desenhos geométricos pela forte influência árabe.

Pode ser definido como um pano de algodão colorido que, tradicionalmente, é usado pelas mulheres de várias formas para envolver o corpo, fazendo de saia, cobrindo o tronco e a

cabeça... É um Pano com diversidade de nomes, pode ser chamado de *nthe*, *mucume ni vamba* (o *nthe* é usado para transportar os bebês aconchegados às costas das mães e o *mucume ni vamba* é um conjunto clássico no sul de Moçambique, que é constituído de duas capulanas. (Torcato 2011)

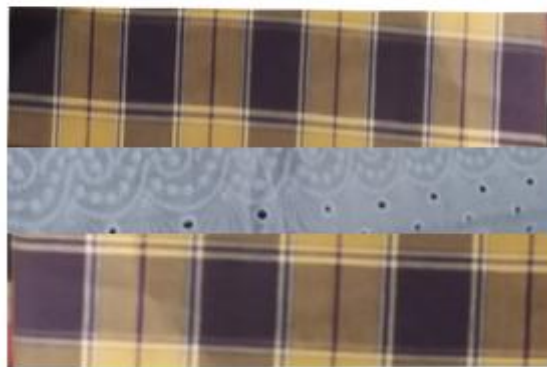
*Nthe, antes feito de pele de animal de cabrito,
Cabra ou impala para filho(a), recém-nascido(a),
Atualmente feito de pano com estampa ou sem
estampa para carregar bebe no colo*

(HENRI A. JUNOD.1996.)

Cortadas numa mesma peça de pano (conforme *ilustração da figura abaixo*): a maior, a *mukume*, com a sua renda branca, vai amarrada à cintura e a menor, a *vamba*, traz-se pelos ombros.



vamba



mukume

mucume ni vamba conjunto classico, constituído por duas capulanas cortadas numa mesma peça de pano

Figura 2.1. Mucume e Vamba.



Figura 2.2. A mulher faz uma demonstração do uso do mucume e vemba para o dia a dia.



Figura 2.3. *nthehe*, usado para aconchegar o bebe nas costas.

Fonte: da autora.

A capulana é um material para toda a mulher Moçambicana. É usada para manter o corpo da mulher mais respeitado, em determinados lugares para onde ela se desloca. Traz memórias do passado para o presente, através das suas cores, e transmite acontecimentos às novas gerações. É vista como algo que transporta valores culturais Moçambicanos (André, 2016,p.22).

Esta transmissão acontece de várias formas. A capulana pode trazer memórias do passado para o presente, por exemplo, quando se trata de uma capulana que carregou o seu primeiro filho, a capulana que casou a sua filha, que carregou a colheita). Elas retratam esses acontecimentos às novas gerações que passaram ou tiveram um familiar que fez parte deste processo. Trazem memórias através da ilustração de figuras artísticas, florestais, religiosas, entre outras.

A capulana é um tecido que adquire existência peculiar na dinâmica cultural dos habitantes de Moçambique com a sua cor vibrante, colorida, usada nas mais diferentes situações e lugares, com motivos gráficos, ela traduz a passagem de tempo, através de datas comemorativas e de eventos históricos. (Torcato 2011)

De acordo com as autoras supracitadas conclui-se que a capulana, é um adereço tradicional, de diversos significados atribuídos ao longo do tempo e é um elemento de representação da cultura local. Ela representa hoje, através das suas cores, usos e estampas, representa a nação, grupos distintos e transmite os vários significados dos hábitos e costumes das populações locais. A capulana pode ser definida como um pano de representação histórica da população moçambicana, em particular para as mulheres, através dos seus motivos ilustrados no tecido, trazendo memórias de algum acontecimento histórico, cultural, religioso ou do dia-a-dia da população. Pode ser vista como uma obra de arte abstrata e de realismo. Através dos seus desenhos, a capulana traz memórias às mulheres, cuja leitura pode ser individual ou entre grupos sociais (grupo de louvor na igreja, grupo de *xitique*, grupo de *xiguiane*, protocolos de eventos etc).

Xitique é um termo de origem bantu no grupo ou família linguística Tsonga que significa sistema de empréstimo ou de poupança praticada entre membros de uma determinada comunidade, seja ela habitacional, religiosa, do local de emprego, ou outra, onde o valor da contribuição é fixado por mútuo consentimento entre os membros e entregue em períodos igualmente fixos e de modo rotativo a cada membro.

O xitique é praticado informalmente e não implica juro ou qualquer outra forma de obrigações financeiras e fiscais geralmente praticadas pelos bancos formais, os seus membros aderem de forma voluntária sem nenhuma escritura legal. O verbo é ku tika que significa contribuir. (Loforte 1996, p.89 apud Chaguala, 2013) "

Xiguiane é uma cerimónia do sul de moçambique realizada no dia seguinte ao casamento, normalmente realizada em casa dos pais do noivo, onde pessoas da casa da família da noiva, geralmente em 15% em relação ao universo de pessoas presentes, levam algumas prendas de carácter tipicamente africanos, como pilões, esteiras, raladores, mbengas. Esta cerimónia é bastante concorrida principalmente por pessoas que não estiveram presentes no copo de água no dia do casamento". (Chambe 2016)

Em suma a capulana conta histórias de diversos momentos na vida dos moçambicanos e apesar de não ter origem em Moçambique é um material de identidade moçambicana um pano simbólico, sinónimo de respeito para as mulheres e representação identitária da mulher moçambicana, levando o em todos momentos da sua vida. (para o seu dia a dia no trabalho doméstico, para festas, grandes viagens e cerimônias fúnebres)

2.2. Simbologia

Conhecer imagens que nos rodeiam significa também, alargar as possibilidades e contactar com a realidade, significa ver mais e perceber mais. O símbolo é a chave para compreender uma determinada cultura. (Ribeiro 2010)

Ao estudar uma cultura é necessário referir-se à função e ao simbolismo de determinados objetos, ações e instituições, porque o homem vive em dois mundos, um referente ao espaço exterior, e outro ao mundo simbólico. Ou seja, o espaço imaginário é o conjunto de sistemas simbólicos, que constituem de fato um conjunto de comunicações. (Ribeiro 2010)

Podemos afirmar que um símbolo apresenta muitas possibilidades interpretativas e que mesmo interpretado de várias maneiras, ainda assim guarda a possibilidade de novos vislumbres de entendimento. Uma palavra ou imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspeto inconsciente, mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado (Jung, 1977, p. 21 *apud* Ribeiro 2010).

Isto significa que os símbolos nos remetem para um universo que os transcende. Comunicam uma abundância de pensamentos que atingem uma síntese visual, sonora, olfativa, gustativa e/ou tátil. Lembremos que um símbolo pode ser visto, tocado, cheirado, saboreado e até mesmo ouvido. Em sua origem, o símbolo é um sinal visível de algo que não se encontra ali presente de forma concreta, algo que pode ser nele percebido (Ribeiro, 2010).

O sentido da palavra “símbolo” desenvolveu-se bastante, chegando a envolver, por exemplo, oráculos, presságios, fenómenos extraordinários considerados provindos dos deuses, emblemas de corporações, crachás e vários tipos de sinais de compromisso, como o anel de casamento ou o anel depositado pelos participantes de um banquete, garantindo que pagarão corretamente por ele. De fato, poucas palavras adquiriram tão vasta significação como a palavra “símbolo” (D’Alviella 1995, p. 21 *apud* Ribeiro 2010).

Para Chevalier e Gheerbrant (2001, p. XXI), citado por Ribeiro (Ribeiro, 2010), a história do símbolo comprova que qualquer coisa pode adquirir valores simbólicos, seja ela natural (pedras, animais, flores, fogo, rios, raio etc.) ou abstrata (número, ideia, forma geométrica etc.) Assim, através dos símbolos, objetos comuns adquirem ilimitáveis novos significados. Um simples pedaço de pano, por exemplo, ao ser erguido até o topo de um mastro, refere-se à ideia de pátria.

Para Jung (1977, p. 20 *apud* Ribeiro 2010), um símbolo é um termo, um nome ou mesmo uma imagem que nos pode ser familiar na vida diária, embora possua conotações especiais além de seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós.

Um símbolo, como afirma Lurker (1997, p. 657 *apud* Ribeiro 2010), não é composto de formações rígidas, que podem ser facilmente e precisamente delimitadas, mas sim mutáveis e, em muitos casos, ambíguas. De fato, ordena significados análogos, cada um em um certo nível, ou seja, revela diferentes sentidos simultaneamente.

Tendo como base essa multiplicidade de sentidos de um símbolo, entende-se que cada representação simbólica funciona como o centro de uma teia, que está ligado a diversas outras teias com seus respectivos centros. R. de Becker (*apud* Chevalier; Gheerbrant, 2001, p. XXII) diz algo semelhante quando afirma que o símbolo pode ser comparado a um cristal que reflete de maneiras diversas uma luz, conforme a faceta que a recebe. Nesse sentido, Todorov (Chevalier, 2001, p. XXIV) considera que no símbolo é produzido um fenômeno de condensação, ou seja, é significativo remetendo a mais de um significado. Assim, um símbolo representa diversos objetos que, por sua vez, funcionam como representação de diversos outros objetos, em uma cadeia infinita. A percepção do símbolo é também pessoal. Em seu processo de formação, o ser humano acrescenta, às experiências pessoais, valores culturais e sociais herdados da humanidade que o precedeu até então.

Assim, a compreensão de um símbolo depende fortemente da percepção direta, possibilitada pelo repertório pessoal. Análises históricas, comparações interculturais, pesquisas acerca das interpretações provindas das tradições orais e escritas e prospeções da psicanálise contribuem para tornar tal interpretação mais completa e menos arriscada.

Nas citações dos autores acima referenciados, o nosso projeto de pesquisa assenta na definição do autor Chevalier e Gheerbrant (2001, p. XXI), *apud* Ribeiro 2010, ao declarar que, a história do símbolo comprova que qualquer coisa pode adquirir valores simbólicos, seja ela natural (pedras, animais, flores, fogo, rios, raio etc.) ou abstrata (numero, ideia, forma geométrica etc.). Assim, através dos símbolos, objetos comuns adquirem ilimitáveis novos significados, como é o caso da *mafura*, edifício do CFM (Caminhos de Ferro de Moçambique) e das obras de Malangatana, que serão ilustradas em capulana como forma de trazer memórias e novos significados simbólicos para as mulheres moçambicanas que constituem o grupo alvo da pesquisa. Pois compreendeu-se que a capulana tem vários significados simbólicos.

As capulanas são frequentemente o símbolo da riqueza que possuem e que ninguém disputa, porque carregam uma forte representação simbólica, já que foram oferecidas pelo homem que as cortejou, o marido que as amou, o filho quando regressou das minas do Transval, o genro que lhe quer a filha (André 2016).

No entanto, as capulanas também comunicam numa linguagem simbólica, constituindo um documento vivo para a compreensão da história de Moçambique e, em particular da mulher moçambicana, que exerceu um papel determinante na construção da Capulana como objeto de identidade do país.

A verdade é que pela sua vasta combinação cromática e formal, as capulanas acabam por ser uma voz silenciosa mas visível nas esferas sociais, políticas e individuais de Moçambique, suportando um simbolismo que é lido localmente. Através das suas cores, dos seus usos e das suas estampas, as capulanas representam a nação, grupos distintos ou regiões, são um instrumento de negociação e transmitem significados de hábitos e costumes, revelando-se símbolo de riqueza ou demonstrando intenções, refletindo um acontecimento social ou histórico, etc. Aliás, acontecimentos passados ou contemporâneos dão-lhes inclusivamente nomes, quer sejam acontecimentos locais da comunidade ou familiares.

2.3. Tradição

É sabido que, com o processo de colonização, diferentes países do continente africano acabaram por assimilar muitas das tradições estrangeiras, adulterando e mesmo rechaçando os costumes locais. Este processo de assimilação deu-se de diferentes maneiras, muitas delas coercitivas e embasadas no desabono das instâncias culturais legítimas (Pieper, 2010).

As consequências desta proposta de minimização da cultura autóctone configuraram-se de diversas maneiras. Dentre elas, no entanto, as mais expressivas foram a anexação dos territórios e recursos pelo colonizador e o não reconhecimento de muitos dos caracteres identitários e culturais de seu povo, ao longo dos anos, pelas gerações posteriores; caracteres estes que foram homogeneizados no estabelecimento da chamada modernidade e, em muitos contextos, substituídos pelas ideologias estrangeiras (Pieper 2010).

A inclusão da *capulana* enquadra-se no processo de assimilação de tradições estrangeiras. No contexto histórico, percebe-se que a capulana inicialmente chega como um produto de trocas comerciais, vindo de países de origem estrangeira. Apesar de as pesquisas defenderem que a forma de usar a capulana terá sido inventada pelas mulheres moçambicanas, há uma influência na forma de usar a capulana de forma tradicional, enrolando os membros inferiores fazendo de saia e lenço na cabeça, como é feito na Indonésia, país de origem de fabricação.

Ao se tratar de tópicos como tradição, em contextos tão temporalmente remotos como os do continente africano, é preciso ressaltar que este conceito, em seu significado, encerra noções de pluralidade e fluidez. A propósito desta questão, por exemplo, Mia Couto, citado por Garcia (Garcia 2012), afirma que:

Moçambique é uma nação de muitas nações. É uma nação supranacional. E isso deve conviver perfeitamente dentro do espaço moçambicano. [...] fala-se muito de Moçambique como mosaico multicultural mas, no fundo, constantemente nos fazem lembrar que a única raiz da nossa moçambicanidade é a tal tradição. Ora essa mesma tradição é muito curiosa: [...] ninguém a sabe definir exatamente. (GARCIA, 2012, p. 400; 413).

Isso nos faz perceber que a tradição é complexa e ambivalente, podendo conseqüentemente ser aplicada a várias situações, geralmente associadas a práticas e/ou métodos passados e ancestrais de comum utilização. Embora o seu significado, do ponto de vista cultural, seja sensivelmente do senso comum e a sua definição esteja sistematizada em diversas fontes, englobar a totalidade dos aspetos desta conceção, remete para mais do que apenas a condensação das suas linhas gerais. Desta forma, pretende-se nesta secção, apresentar variadas dimensões que se consideram pertencentes à ideia de tradição.

Para Vanderlei (Vanderlei, 2006) a palavra tradição na perspetiva sociológica tem a função de preservar para a sociedade costumes e práticas que já demonstraram ser eficazes no passado. Os comportamentos tradicionais são formas puras de ação social, ou seja, são atitudes que os indivíduos tomam em sociedade e são orientadas pelo hábito, pela noção de que sempre foi

assim. Nessa forma de ação, o indivíduo não pensa nas razões de seu comportamento. O comportamento tradicional seria, então, uma forma de dominação legítima, uma maneira de se influenciar o comportamento de outros homens sem o uso da força.

O autor Pieper citado por (Religare, 2010) define tradição em diversos pontos de vista na qual o primeiro nos faz compreender que a tradição é, precisamente, aquilo que não envelhece, que é eternamente novo, pois tem a originalidade da fonte, o frescor de um eterno começo. A tradição, para ele, é conhecimento sempre novo e atual, imperecível porque sempre atualizável.

O segundo ponto característico do pensamento tradicional seria, segundo Pieper (Pieper, 2008, P.52): “A troca na reciprocidade se produz no tempo. [...] Aquele que transmite vê naquele que recebe um sucessor, um filho, um discípulo, um herdeiro, que se tornará o depositário desta tradição para o futuro, para a geração futura”

A terceira característica da tradição, segundo Pieper, assenta na consideração de que um ato de tradição, no sentido estrito surge quando a forma de comunicação na qual é transmitida alguma coisa seja recebida de outro lugar.

A quarta característica da tradição é que deve ser aceite por aquele que irá transmitir, mas deve ser aceite da mesma forma pela pessoa que se encontra no fim da linha” (Pieper, 2008, P.54).

Sobre o ponto de vista dos autores (Vanderlei 2006 et al Silva), quando conceituam a tradição na perspectiva sociológica, fazem entender que a tradição tem a função de preservar para a sociedade costumes e práticas que já demonstraram ser eficazes no passado. A capulana assemelha-se na ideologia destes autores, pois embora tenda a ser modernizada na sua forma de uso, a sua função tradicional prevalece, como refere (André 2016). A capulana é um material para toda a mulher moçambicana; é usada para manter o corpo da mulher mais respeitado, em determinados lugares para onde ela se desloca. Traz memórias do passado para o presente, através das suas cores e transmite esses mesmos acontecimentos às novas gerações; é vista como algo que transporta valores culturais moçambicanos.

Por exemplo, levar consigo uma capulana para longas viagens significa ser uma mulher sábia, adulta, porque é uma forma de se precaver de algum incidente (começo repentino de período menstrual, rasgo da peça de roupa, "saia", quando estiver em locais públicos, ou ao receber uma visita que conserva os princípios da tradição (André, 2016, p.17).

A mulher moçambicana foi essencial, ao repassar pela oralidade a importância da Capulana às gerações mais novas, transmitindo-lhes a importância destes panos nas suas vidas, o seu papel e significado enquanto objeto de comunicação e de definição de *status* e poder. Ainda nos dias de hoje das melhores heranças que uma mãe pode deixar para a filha é uma mala cheia de capulanas e o conhecimento de como fazer uso delas.

E está bem longe o dia em que a Capulana irá perder esse valor, pois em cada geração ela é reinventada e adaptada às necessidades atuais, muitas vezes conservando o simples gesto de amarrar.

Porque não é a sua origem que faz da Capulana a identidade da vida em Moçambique, mas o valor que lhe é atribuído e pelo qual acaba por ser conhecido internacionalmente.

A verdade é que, no contexto geral, as culturas africanas valorizam a ancestralidade e a oralidade, pelo que os mais velhos são respeitados e ouvidos, pois são eles que possuem e ensinam as tradições de seu povo. E foi esse passar de conhecimento de geração em geração que também contribuiu para a legitimação da Capulana como instrumento de identidade e representação da população de Moçambique. (Torcato 2011)

O autor (Pieper, 2008) faz uma reflexão do conceito da tradição em vários aspetos. No segundo ponto característico define pensamento tradicional como a troca na reciprocidade que se produz no tempo em que aquele que transmite vê naquele que recebe um sucessor, um filho, um discípulo, um herdeiro, que se tornará o depositário desta tradição para o futuro, para a geração futura. A capulana vai passando de geração em geração e os filhos são o depositário da tradição dos hábitos e costumes da capulana. O tempo passa, mas a tradição de levar consigo a capulana em grandes viagens permanece e permanecerá por muito tempo, é um ensinamento que é passado de mães para os filhas e das filhas para outra geração vindoura. A forma tradicional de amarrar a capulana é um exemplo de manter a tradição, porque o indivíduo sente-se naturalmente obrigado a usar a capulana em determinados, eventos, como em cerimónias fúnebres, faz parte da tradição as mulheres levarem consigo uma capulana de forma a cobrir o corpo como sinónimo de respeito.

De forma a concluir, em consonância com as definições dos autores, compreende-se que a tradição é algo que permanece ao longo do tempo, sem sofrer mutações, com a função de preservar para a sociedade costumes e práticas que já demonstraram ser eficazes no passado. A troca na reciprocidade que se produz no tempo em que aquele que transmite vê naquele que recebe. Os indivíduos tomam em sociedade e são orientadas pelo hábito, pela noção de que sempre foi assim. Nessa forma de ação, o indivíduo não pensa nas razões do seu comportamento. Há uma forma de dominação legítima, uma maneira de se influenciar o comportamento de outros homens sem o uso da força.

2.4. Modernidade

O estudo acerca da modernidade, assim como sua época, é bastante amplo e incorpora uma multiplicidade de conceitos. Vários autores expõem suas análises que às vezes se assemelham, contrariam ou se completam. É de se acreditar na importância de algumas considerações iniciais acerca das principais ideias concernentes à Modernidade antes de passar ao objetivo central que é a definição da Modernidade. Uma importante distinção é feita por Jurgen Habermas no que se refere ao termo Modernização e Modernidade (Marcelo 2005).

Modernização refere-se às mudanças e avanços no espectro estrutural, um feixe de processos cumulativos que se reforçam mutuamente, à formação de capital e mobilização de recursos; ao desenvolvimento das forças produtivas e ao aumento da produtividade do trabalho; ao

estabelecimento de poderes políticos centralizados e à formação de identidades nacionais; à expansão de direitos de participação política de formas urbanas de vida e de formação escolar formal; refere-se à secularização de valores e formas. (Habermas, IN Marcelo 2005, p.3).

Já a Modernidade para Hans Blumenberg, pode ser analisada enquanto um processo de rutura com o „velho“, criando-se novos parâmetros, mas também continuando com as formas „velhas“, só que adaptadas ao „novo“. O homem abandona a transcendência e agarra-se à imanência, na qual ele existe enquanto homem, sem a interferência divina do Medievo (Habermas, *apud* Marcelo 2005, p.4).

Desde o séc. XVIII, apareceu com frequência crescente na historiografia a expressão "tempos novos" para designar o termo modernidade, em oposição ao tempo passado. É novo e moderno independentemente do seu grau de profundidade. A modernidade é a superação do velho, para que possa nascer o novo. Deve ser entendida como uma busca permanente de superação dos velhos valores e de construção de novos valores (Batista, p.9, 1990).

Bauman,1999, define Modernidade como um período histórico que começou na Europa Ocidental no século XVII com uma série de transformações sócio estruturais e intelectuais profundas e atingiu a sua maturidade primeiramente como projeto cultural, com o avanço do Iluminismo e depois como forma de vida socialmente consumada, com o desenvolvimento da sociedade industrial.

Conclui-se que a modernidade surge para superação do velho, e permite que as tradições entrem num processo de mudanças, tornando-se modernidade da rutura do velho para o novo. No contexto deste projeto que tem como grupo alvo as mulheres moçambicanas e turistas como forma de alargar o mercado, será introduzida informação de forma a criar um dinamismo e modernidade. Compreende-se que as capulanas carecessem de um meio que possa informar os turistas sobre o uso e simbologia da capulana, sendo este um potencial no consumo da capulana durante as viagens feitas a moçambique, daí a necessidade da sua modernidade, porque das capulanas existentes na loja não dispõem desta informação.

2.5. Cultura

Ao longo da história o conceito de cultura foi evoluindo até aos nossos dias. Junto das diversas escolas de pensamento, os autores criaram teorias e definições, que configuraram o edifício do que hoje consideramos cultura no sentido antropológico. Com as suas teorias os estudiosos enriqueceram o sentido de cultura e abriram-lhe perspectivas novas (Martinez 2009,p.43).

Edward B. Tylor (1871) definiu cultura como conjunto complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes e várias outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade (Martinez 2009,p.45).

Vinigi L. Grotanelli afirma que a cultura é toda atividade consciente e deliberada do homem como ser racional e como membro de uma sociedade e o conjunto de manifestações concretas que derivam duma determinada actividade, referido por (Martinez 2009,p.46).

C. Geertz define cultura como uma estrutura de significados, transmitidos historicamente, encarnados simbolicamente, para comunicar e desenvolver o conhecimento humano e as atitudes para com a vida, uma logica informal da vida e do sentido comum das sociedades que funciona também como controlo, Referido por (Martinez 2009,p.47).

Analisando os conceitos acima citados, em consonância com o objeto de estudo "Análise da simbologia da capulana em moçambique" conclui-se que a definição de Tylor contém afirmações importantes que se devem sublinhar, pois ao referir cultura como algo adquirido e não transmitido biologicamente, o homem adquire a cultura como membro da sociedade. No processo de enculturação os indivíduos apreendem os elementos da sua cultura, de forma continua através do processo de imitação e ensinamento. A capulana faz parte desde processo de ensinamento entre grupos sociais em Moçambique, os indivíduos aprendem a diversidade de uso e a sua simbologia, e como este material é importante para manter o respeito da mulher na sociedade moçambicana.

E a capulana enquadra-se também na definição do autor C. Geertz ao definir cultura como uma estrutura de significados, transmitidos historicamente, encarnados simbolicamente, para comunicar e desenvolver o conhecimento humano e as atitudes para com a vida.

2.6.Design têxtil

Para Rüttschilling (Rüttschilling, 2008), a origem do termo Design de superfície reside no campo de atuação da área têxtil. Sendo o Designer de superfície em estamparia têxtil um profissional que desenvolve texturas visuais e táteis, visando soluções estéticas e funcionais para cada contexto sociocultural e dentro de cada possibilidade de produção. A mesma ainda aponta que o profissional dessa área deve levar em conta a adequação do projeto diante dos vários processos de fabricação e dos materiais disponíveis.

O termo Design de Superfície é a tradução do termo inglês "Surface Design", usado oficialmente pela Associação de Design de Superfície, com sede nos Estados Unidos. No Brasil, esta denominação foi introduzida a partir dos anos 80 pela Designer Renata Rubim. Antes, era designado como " Desenho (Industrial) de Estamparia" (Rüttschilling, 2008).

"Superfície é uma palavra que deriva do latim (super, superior, e facies)

E está relacionada geometricamente ao conceito da área/face, definida por comprimento e largura, e figurativamente a parte externa dos corpos, a aparência". (Ferreira, 2005)

O Design têxtil engloba várias técnicas e processos de fabricação, dependendo da área têxtil dentre elas tecelagem comum ou plana, malharia, Jacquard, tapeçaria, estamparia, Batik etc. (Rüthschilling 2008).

Para este trabalho importa definir Design de estamparia e Batique, sendo as técnicas que foram desenvolvidos na elaboração dos protótipos que constituem a parte técnica do projeto. Para Yanane (Yanane, 2008), estamparia consiste nos procedimentos utilizados para se obter um motivo, em uma ou mais cores, que se repete com regularidade sobre o tecido, agregando valor, com finalidade de imprimir desenhos nos tecidos.

Para Franco e Fiadeiro (2002), a estamparia é a deposição local, segundo um desenho, de uma pasta corada, contendo corante, espessante e produtos químicos, que serão fixados mediante tratamentos apropriados: vapor, ar quente, radiação calorífica sobre uma superfície, podendo ser direta com motivos coloridos de superfície variável sobre um fundo branco, ou aditiva estampando cores escuras sobre fundos tintos em cores claras, sem que haja destruição destes fundos nos locais de estampagem, podendo a fixação do estampado ser só, ou em simultâneo com o fundo.

Batique consiste em desenhar com cera sobre o tecido, reservando as partes que não receberão tinta, e em seguida tingir com várias cores. Sendo um processo caracterizado por seu efeito craquelado (técnica de pintura). Segundo a autora, a técnica consiste em vedar partes do tecido utilizando cera quente derretida. Em seguida o tecido é submerso em um banho de tinta, as partes com cera não recebem tinta, ficando intactas. A operação pode ser repetida de acordo com o número de cores a serem utilizadas (Yanane 2008).

O batique, de origem indonésia, consiste em aplicar sobre o tecido uma reserva mecânica que será fundida. Após esmaltação da cera em água, o tecido é imerso sucessivamente em vários banhos de tingimento (Franco e Fiadeiro 2002).

Desta forma conclui-se que o Design de superfície em estamparia têxtil e em particular o batique têm o mesmo objetivo que é agregar valor diferencial aos tecidos lisos através da estampa.

Capítulo 3. Simbologia da capulana

Simbologia da capulana

No quadro teórico foram refletidos conceitos em volta da simbologia, e compreende-se que ao estudar uma cultura é necessário referir a função e o simbolismo de determinados objetos e ações. Podemos afirmar que um símbolo apresenta muitas possibilidades interpretativas e que mesmo interpretado de várias maneiras, ainda assim guarda a possibilidade de novos vislumbres de entendimento. Uma palavra ou imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspeto inconsciente, mais amplo, que nunca é precisamente definido ou explicado (Jung, 1977, p. 21 *apud* Ribeiro 2010).

Isto significa que os símbolos nos remetem para um universo que os transcende. Comunicam uma abundância de pensamentos que atingem uma síntese visual, sonora, olfativa, gustativa e/ou tátil. Lembremos que um símbolo pode ser visto, tocado, cheirado, saboreado e até mesmo ouvido. Em sua origem, o símbolo é um sinal visível de algo que não se encontra ali presente de forma concreta, algo que pode ser nele percebido (Ribeiro, 2010).

Desta forma, nesta fase do desenvolvimento do projeto, como apoio às pesquisas de campo com os entrevistados para nos falarem sobre a simbologia da capulana, importa descrever a simbologia da capulana de Moçambique, visto que é um material diversificado na sua usabilidade e simbologia. Serão descodificadas simbologias da capulana para curandeiros (*nyanga, nhamussoro*), cerimónias fúnebres ou rituais, épocas festivas e para o dia-a-dia.

As capulanas comunicam, por isso o nome é-lhes atribuído por associação com um determinado acontecimento político, social, por vezes de fundamento supersticioso ou por associação com um determinado fenómeno da natureza (Torcato, 2011, p.26).

Como salienta a nossa entrevistada Flávia Sambo fornecedora de capulana numa das lojas da cidade de Maputo, "as mulheres atribuem nomes em função da cerimónia em que irão usar a capulana, podem por exemplo ser atribuídos nomes como capulana do *casamento da prima flávia*, fazendo uma reserva em loja de maior quantidade, de forma a guardar para os demais membros e torna-la exclusiva somente para o seu grupo. Um dos exemplos, é o da capulana que ficou popularmente conhecida como capulana *watsApp* (ilustração na *fig. 3.1*), que surgiu através dum grupo que ia participar numa cerimónia e decidiu através do *watsApp* a proposta da capulana que iam usar, e a capulana escolhida ficou popularmente conhecida como *watsApp*".

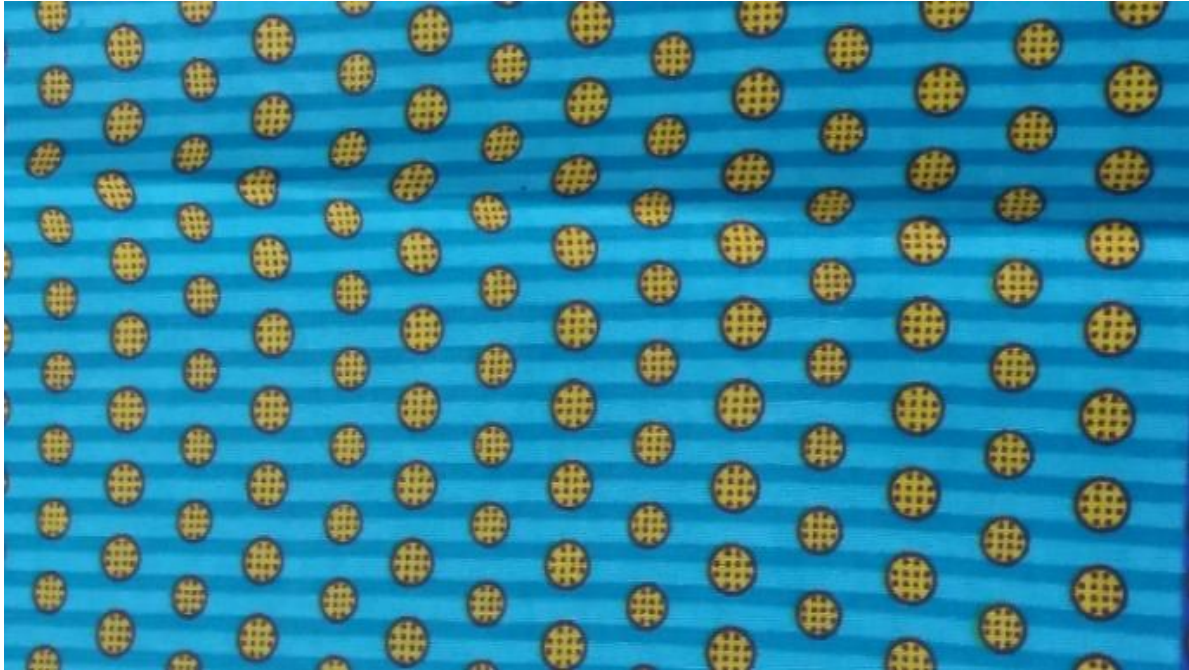


Figura 3.1. (capulana WhatsApp).

Fonte: da autora

"A capulana é usada como ferramenta de difusão de mensagens educativas. Por exemplo, em campanhas eleitorais, os partidos políticos mandam fazer capulanas decoradas com suas fotografias e símbolos de seus partidos e oferecem-nas às mulheres de modo a persuadir a população a votar no seu partido. Mas não só, as causas sociais também usam esta ferramenta para a difusão de mensagens ligadas a campanhas de saúde por exemplo para campanhas contra AIDS, malária, cólera ou mesmo campanhas de vacinação, sendo também usadas para veicular mensagens educativas", confirma o nosso entrevistado Keven Pinto, fornecedor das capulanas.



Figura 3.2. (capulana com uma mensagem educativa, em relação aos riscos de contrair doenças como HIV/SIDA).

Fonte: https://sites.google.com/site/carlosalbertodidier/_/rsrc/1393956055475/home/d--mocambique-na-actualidade---em-pe-de-guerra-nas-quartas-eleicoes-autarquicas-2013/Capulana_Andar%20fora%20%C3%A9%20maningue%20arriscado_02.JPG?height=256&=400 consultado a 20/março/2017

As capulanas são o símbolo da riqueza que uma mulher possui. Foram-lhe oferecidas pelo homem que as cortejou, o marido que as amou, o filho quando regressou das minas do transvaal, o genro que lhe quer a filha. A proprietária não as usa, guarda-as, entesoura-as. Só uma ocasião muito especial as fará sair à luz do dia. Mas podem ser oferecidas como presente à filha, à futura nora, à neta no seu casamento. E quando a dona morrer elas passarão como herança para as descendentes suficientemente afortunadas para serem contempladas com elas (Torcato, 2011, p.26).

A influência cultural da capulana persiste de norte a sul do país. A nossa entrevistada Cheila Machava, explica que “faz questão de transmitir às jovens da família o que aprendeu com os mais velhos: a mulher tem sempre que andar com a capulana na carteira. Nunca sabemos quando temos o período menstrual, podemos sujar, então, quando acontece isso, a mulher tira a capulana da bolsa e amarra. Conta que os bisavôs não aceitavam comer nenhuma refeição preparada por uma mulher que não estivesse vestida de capulana”.

A capulana é um documento histórico, retrata acontecimentos passados, e contemporâneos. Podem estar relacionados com a prisão dum imperador, exemplo disso foi a prisão de Gungunhana, o imperador de gaza de 1895. Podem estar relacionados a uma epidemia, como

o caso da praga de gafanhotos que ocorreu no sul de Moçambique em 1934 destruindo culturas agrícolas. Estes acontecimentos foram ilustrados em capulanas para trazerem em memória aos moçambicanos. Podem estar associados à visita dum dirigente político numa região durante as campanhas eleitorais ou após a independência. Cada capulana fala desse acontecimento social ou histórico (Torcato, 2011, p.27). Exemplo disso é a capulana do presidente de Moçambique Nyusi, capulana com chama da unidade como ilustrado na figura seguinte.



Figura 3.3. (capulana "política" ilustrando presidente de Moçambique)

Fonte: da autora

Conclui-se que a capulana é um documento histórico, retrata acontecimentos passados, e contemporâneos. Podendo estar relacionado a fatores sociais, políticos e culturais e transmitir mensagens educativas, como forma de alerta e precaução da população (prevenção de epidemia). É usada também em campanhas eleitorais para persuadir a população a votar num partido político. É sinónimo de riqueza para as mulheres que usam determinadas capulanas apenas em momentos especiais da sua vida (cerimónias). A mulher deve andar sempre com uma capulana na bolsa como forma de precaver-se de algum incidente.

3.1. O processo de dar nome à capulana

O processo de dar nome a capulana é parte da sua comercialização. Uma nova peça de capulana chega à loja e o comerciante apressa-se a apresentar o novo padrão às primeiras clientes. Elas estão em geral num pequeno grupo (mãe, filhas, noras, amigas ou vizinhas). E a troca de comentários em que o comerciante participa, acaba no batismo da capulana. E mais tarde outras clientes aparecem a pedir a capulana que as vizinhas lhe mostraram e já pedem pelo nome. E quando uma capulana faz sucesso, formam-se filas à porta da loja que a vende porque todas querem antes que se esgote (Torcato, 2011, p.28).

"Atribuimos o nome em função dos desenhos ilustrado na capulana, que é relacionado com algum momento histórico da vida. Lembro duma situação em que atribuimos à capulana o nome *kulhula* (vitória): foi quando completámos os dois anos do nosso projeto *xitique*, e continuávamos todas no grupo, e algumas de nós haviam conquistado bens como compra de terreno e carro. Ao fim dos dois anos, alguns planos do *xitique* haviam sido alcançados e estávamos vestidas igual, com uma capulana de cores diversas que acabava de ser lançada no mercado e à qual demos o nome *kulhula* (vitória). A tendência é ter as capulanas guardadas comigo, pois com o tempo tornam-se exclusivas porque estão sempre a chegar à loja capulanas novas e nunca com o mesmo padrão", afirma uma das entrevistadas, Sara Macamo de 45 anos.

Note-se que nem sempre a capulana se refere a um acontecimento histórico ou de âmbito social à escala nacional. Às vezes recorda apenas qualquer coisa passada numa pequena comunidade, numa aldeia ou num bairro citadino. Pode ser apenas uma intriga ou conflito entre mulheres rivais como uma capulana célebre que se chamou em ronga *“xivite xa leta”*, (o ódio de leta). O nome recorda uma briga entre duas mulheres porque uma roubou o marido da outra. Também se conta a estória duma capulana que apareceu nas lojas de Angoxe, litoral da província de Nampula. A capulana foi posta a venda depois de uma prolongada falta de pão e ficou conhecida com o nome de padaria (Torcato, 2011, p.28).

Conclui-se que o nome da capulana é atribuído em função de algum acontecimento histórico, social. As mulheres atribuem nomes de acordo com os padrões ilustrados na capulana e que lhes lembre alguma coisa, assim como pode ser atribuído nome de acordo com algum momento significativo dum certo grupo (exemplo do grupo de mulheres que tiveram os seus objetivos alcançados, e a capulana atribuiu-se nome de *“kulhula”* (vencer, vitória) e da capulana *“Xivite xa leta”* (ódio da leta), por conta da rivalidade entre duas mulheres que disputam o mesmo homem.

Esta referência será de extrema importância para o desenvolvimento dos novos padrões para as mulheres moçambicanas, que constitui um dos objetivos do presente trabalho. Perceber a simbologia e o processo de dar nome à capulana irá enriquecer a criatividade a fim de criar padrões que irão ao encontro das expectativas do grupo alvo "mulheres".

3.1.1. A capulana nos rituais

Há uma capulana especial, específica para curandeiros (*nyanga ou nhamussoro*), e capulanas usadas em rituais (cerimônias fúnebres). Uma pessoa comum não se atreve a usar a capulana específica para curandeiros, pois seria considerado uma falta de respeito, uma atitude impensável (Torcato, 2011, p.31).

Neste capítulo limitar-nos-emos, a examinar o curandeiro (*nyanga ou nhamussoro*), nas suas principais facetas culturais e religiosas, interessa compreender o que é curandeiro, *nyanga* ou *nhamussoro* e a sua vestimenta, e obter uma imagem nítida quanto a sua função social.

O curandeiro em sentido restrito é um ervanário que trata por meio de drogas preparadas com folhas, raízes, cascas, seivas, etc., de plantas que lhe chegaram ao conhecimento ou por herança de parentes que já haviam exercido o mesmo ofício, ou por troca de segredos com outros curandeiros, ou ainda por descoberta própria. Indica as ervas que são necessárias empregar contra as doenças, bem como sacrifícios, exorcismos ou amuletos que devem acompanhar a cura dos pacientes, e a ele que recorrem os que não podem ter filhos e os que procuram a fortuna ou desejam encontrar objetos perdidos (Polanah 1987, p.42).

E *nyanga* é uma das palavras de maior projeção em toda a África banta, desde a costa do Índico até o golfo da Guiné, ganhando a palavra variantes morfológicas como *ganga*, *Mganga* para designar um indivíduo dedicado a práticas maléficas ou socialmente inconvenientes, nesta área é o chifre o instrumento mais usado para despacharem as doenças, dúvidas e aborrecimentos. Recorre aos ossículos para se certificar das diversas fases dos rituais, e é um homem capaz de dialogar com os espíritos (Polanah 1987, p.47).

Predizer o futuro, por atos mágicos, antecipar-se aos acontecimentos, adivinhando-os, é uma prática extremamente popular em África. Através de todo o continente africano a divinação por meio de desenhos ou riscos no chão, a utilização de ossículos, de cascas ou semente de plantas, conchas, o uso de dados de marfim, ou de uma corda com quatro nozes atadas nas extremidades, sendo o outro sistema o uso de um tabuleiro redondo ou retangular. (Polanah 1987, p.43).

A prática de adivinhação, e prever o futuro, procede através de sonhos e visões, o adivinho, escuta vozes que o chamam, ou vê os rostos embaciados dos parentes falecidos. Por outro lado, o conhecimento da arte da adivinhação, pode fazer-se sem ser necessária a intervenção dum causa sobre natural ou misteriosa. (Polanah 1987).

Esta prática é feita através do “*tinhlolo*”, um conjunto de ossos, búzios, carapaças de tartaruga, pedras, moedas, invólucros de sementes e por vezes dados, que é complementado por dois outros conjuntos de adivinhação, um composto por seis escamas dorsais de crocodilo e o outro por seis cascas de sementes de *nulu*. O *tinhlolo* é como o estetoscópio do médico. Só torna as coisas mais claras. É o médico que tem que saber o que significa o que ele está a ouvir e o que ele está a ouvir existe sem o estetoscópio, é só uma ajuda. O *tinhlolo* ainda é mais útil para nós, porque é o nosso estetoscópio, o nosso Raio X e as nossas análises, ao mesmo tempo. (Granjo, 2009).

Henri. A. Junod (1996) fala de diversos processos de adivinhação utilizados pelos médicos tradicionais "curandeiros" e alguns objetos são por sua própria natureza de mau augúrio, outros de bom. As estrelas cadentes simbolizam o bem e abelha *mbonga* entre vários outros simboliza acontecimentos desagradáveis.

Não é objetivo deste capítulo descrever como funciona o processo da medicina tradicional, mas sim compreender a simbologia da capulana por eles usados quando estão no momento de trabalho, mas é de extrema importância trazer definições e reflexões em volta do curandeirismo para sua maior compreensão. E conclui-se que não é qualquer indivíduo que exerce esta função, é alguém escolhido pelos espíritos dos antepassados do seu seio familiar, podendo também ter adquirido por experiência em contacto com outros curandeiros mais velhos. Na fase a seguir descreve-se a simbologia da capulana usada pelos médicos tradicionais e seus adornos em consonância com as entrevistas feitas no mercado xiphamanine na cidade de Maputo, onde foi possível ter contacto com médicos tradicionais e pessoas que percebem da matéria ligado à simbologia do pano dos curandeiros.

3.1.2. A capulana no processo de libertação em contacto com espíritos

Os espíritos têm seus caprichos, suas vaidades, seus brios raciais. A eles se tem atribuído todo o equipamento que justifica dizendo que o adquiriu em conformidade com os desejos formulados pelos espíritos que nele saem durante a possessão ou durante o sono (Polanah 1987, p.111).

E desta forma os curandeiros devem usar uma roupa específica de modo a satisfazê-los e a desempenhar melhor o seu papel de curandeiro (a), no momento da cura e contacto com os pacientes que procuram pela sua ajuda. A capulana é um adorno não só usado pelo curandeiro durante o processo da cura ou em contato com os espíritos, assim como usado pelo paciente, como afirma o Granjo (2011).

" Após uma mistura de plantas, ovo e extratos de animais, que são inicialmente espalhados sobre o corpo do paciente, este por sua vez fica sentado junto de uma panela onde ferve a mesma mistura medicinal que havia sido espalhada sobre si e ali é mantido, coberto por capulanas e suando abundantemente. O médico começa por passar um adorno sobre as capulanas que cobrem o paciente, enquanto apela cadenciadamente aos seus espíritos para que expulsem qualquer espírito abusivo que possa estar a afligir o paciente. No fim deste processo é retirado a capulana e assume-se que estarão livres de espíritos e temporariamente protegidos contra eventuais tentativas de possessão de maus espíritos" (Granjo, P.11, 2011).

Desta forma compreende-se que além dos outros elementos a ser usados durante a libertação do paciente, como (ovo, extratos de animais, plantas), a capulana constituiu um adorno muito importante na libertação dos espíritos de qualquer que seja a enfermidade. Ao declarar que após retirada a capulana assume-se que o paciente estará livre dos espíritos.

O processo de libertação em outros casos é realizado na margem de um rio, e a capulana é um adorno a ser usado durante o ritual. O curandeiro leva já preparadas as misturas

terapêuticas de que irá necessitar e chegados ao local, o paciente é sentado na margem de um rio vestindo uma capulana à volta da cintura. Um cabrito é então degolado sobre a sua cabeça, sendo a pessoa coberta com o sangue do animal e com conteúdo do seu bucho, sendo que este sangue não tem qualquer relação direta com violências ou mortes bélicas, tem como objetivo purificar a pessoa.

Antes do ritual o paciente deve desamarrar a capulana, e este ato assume localmente o significado do ritual e simbólico de uma quebra com o passado e de uma mudança de situação, ou mesmo de estatuto. No caso de o rio se encontrar distante do terapeuta e do paciente, o mesmo processo é realizado no quintal do *nyanga*, sofrendo algumas adaptações, em que a capulana do paciente é deixado numa cova e o paciente sai nu dessa cova, deixando a capulana para ser queimada junto com o sangue e produtos que o cobriram. E desta forma é declarada a sua libertação dos maus espíritos (Granjo, 2011).

Existem categorias e subgrupos de curandeiros, entre eles os *Va-Nguni* e os *Va-Ndau*, pretendem não ser confundidos na forma como se apresentam das suas manifestações físicas, adornos ou vestimentas. Os *Va-Ndau*, submetidos aos *Va-Nguni*, usam capulanas *Ngúo ya ntina*- capulana (pano) preta com missangas, usada às costas com um nó pelo pescoço ou fazendo de saia à volta da cintura (Polanah 1987).



Figura 3.4. (curandeiro vestido de capulana preta, acompanhando com adornos "colares" penteado de cabelo feito de fios de sisal)

Fonte: <http://macua.blogs.com/.a/6a00d83451e35069e201676951c9f6970b-pi/2/2017>.

Consultado a 22 de março de 2017

Isabel de 55 anos vendedora de capulanas para médicos tradicionais no mercado do xiphamanine, trouxe as suas contribuições em responder o questionário sobre a simbologia da capulana, e diz “existir capulanas com diversos nomes para distinguir grupo de médicos tradicionais. As capulanas com desenhos (leão, cobra) são usadas frequentemente na fase inicial do ritual, quando a pessoa está no processo para exercer a função da medicina tradicional e quando excede a fase mais alta com experiência profissional. E *va-ndau* é um grupo de médicos tradicionais do norte de Moçambique que usam capulana *palu*, *ndzeti*, capulana do *sori* (pano branco), como sinónimo de transmitir a paz e afastar maus espíritos dos seus pacientes. A capulana *Palú* (xadrez) usa-se na manifestação dos espíritos durante o ritual, para acalmar espíritos dos pacientes, que pretendem exercer a função do curandeirismo”.

O Xi-ndawandawane- capulana preta com pintas brancas usado para limpar o suor, *xitxamu-banco-mocho*, usados pelos espíritos e só quando for feminino (Polanah 1987, p.111).

Além da indumentária, têm os seus adornos (colares) que acompanham as vestes. São colares específicos para os médicos tradicionais, com uma diversidade de nomes e função. Exemplo disso *Mpacatxu*- colar feito com pauzinhos, utilizado tanto pelos espíritos *va-nguni* como pelos *va-ndau*. E *Xicupu*- cabeleira feita com fio de sisal e impregnada com argila encarnada.

Mazanguiru- colares com medicamentos protetores. Possui pequenas mangas e missangas, *Timbamba*- cinto confeccionado com conchas caurim, e usado em volta da cabeça. E *Mucua*, faca usada como símbolo de poder vingativo dos espíritos (Polanah 1987, p.112).

O médico tradicional Bazílio de 32 anos e vendedor de capulanas em Maputo no mercado xiphamanine, descreve “a capulana vermelha como um material usado pelos médicos tradicionais, assim como uma pessoa que não exerce a função do curandeirismo, como forma de se proteger do ódio e inveja dos terceiros. Ao usar a capulana vermelha protege-se e pode usa-lo quando estiver a dormir, no dia-a-dia.

E a capulana de cor branca, simboliza a paz, para que quando alguém lança alguma maldição contra a outra pessoa não o possa atingir. A capulana branca pode ser usada em vários momentos, dependendo do objetivo que a pessoa pretende atingir, sempre no sentido de alcançar o bem-estar.

A capulana amarela é para os defuntos (mortos) para eles se defenderem e que possam trazer sorte em todas as áreas da sua vida, falta de trabalho, amor etc.

Qualquer pessoa pode usar as capulanas de cor sem estampa, excepto as capulanas específicas para os curandeiros, se uma pessoa normal usar pode provocar espíritos correndo risco de invocar espíritos e ser curandeiro/a.

As capulanas com padrões de animais usados pelos curandeiros são também para acalmar espíritos no processo ritual, quando a pessoa está na fase inicial do tratamento para se tornar médico tradicional.

A capulana preta com ilustração de cobra é para espíritos grandes, pode ser usado por curandeiros e pessoas que não são, para se proteger de maus espíritos, de pessoas que desejam o mal e que não quer que o outro tenha sucesso na vida”.



Figura 3.5. “Capulanas típicas para curandeiros”

Fonte: da autora

As capulanas ilustradas na imagem anterior, designam-se também por capulanas das cerimónias mágicas e têm apenas três cores. O branco, vermelho e preto é padrão característico. O mais típico é um grande sol vermelho com cercadura de triângulos pretos, como motivo central, repetido em tamanho pequeno. Esta capulana, usada por uma mulher com um penteado típico de madeixas envolvidas numa argila especial e rara que dão ao cabelo uma cor castanho avermelhada, identifica imediatamente essa mulher como pessoa de estatuto e sabedoria especial. Uma curandeira que lê o passado e prevê o futuro. Estas três cores estão associadas a magia. A pequena cubata redonda do feiticeiro ou adivinho, quando ele está lá dentro recebendo os que o procuram, pode ser decorada com uma faixa de tecido de algodão branco, vermelho ou preto, envolvendo pelo lado de fora o perímetro da casa. As árvores sagradas, à sombra das quais se fazem cerimónias ligadas ao culto dos antepassados e dirigidas pelos mais velhos, são assinaladas com um laço desse tecido, geralmente vermelho. (Torcato, 2011.p.31).

O entrevistado Francisco, 30 anos, de Maputo, vendedor de capulanas para médicos tradicionais, no mercado do xiphamane, ao ser questionado sobre a simbologia da capulana responde que para ele “a capulana é um património e apesar de desconhecer a sua origem, fala-nos do significado que algumas das capulanas que vende têm para o seu público (Médico tradicional). Diz que as capulanas tradicionais têm cada uma a sua função e cada capulana ou padrão tem algum significado. A capulana preta é usado por médicos tradicionais com espírito forte e com experiência profissional na área da medicina tradicional. E a capulana branca é usado para simbolizar a paz e criar harmonia entre familiares em conflitos de brigas, traições conjugais e doenças espirituais. E a capulana verde é esperança para que haja harmonia no seio familiar. Existem capulanas com padrões usados pelos médicos tradicionais (curandeiros) e as capulanas com padrões cujo símbolo é que mais conta, sendo que os desenhos ilustrados variam, entre eles, animal de cobra, leão. Tem o fundo preto ou branco, e os desenhos de animais são feitos com vermelho e preto. E os desenhos são carregados de significados, dependendo de cada espírito. Exemplo se o padrão tiver cobra significa que o médico usa cobra na hora do trabalho, usando gordura, pele de cobra, na cura de algumas doenças como problemas de ouvido.

Quando o padrão é de leão significa símbolo de guerra, o médico sente-se protegido com o animal para defender-se dos maus espíritos e para dar com doenças mais complicadas ou difíceis de cura-las, como é o caso de pessoas que tem problemas espirituais.

Ao perguntar o nosso entrevistado se uma pessoa normal poderia usar uma capulana usada pelos médicos tradicionais? Ele disse que poderia usar para qualquer que fosse a atividade/eventualidade, desde que não entrasse na palhota usada pelo curandeiro, porque poderia resultar numa guerra espiritual.”

Em consonância com a descrição do autor.... E com as entrevistas feitas no campo, sobretudo no mercado xiphamanine da cidade de Maputo, onde encontramos pessoas de várias categorias, entre médicos e vendedores da capulana para os curandeiros conhecedores da matéria, ligado a simbologia da capulana para curandeiros, conclui-se que o curandeiro (nyanga), é um individuo que tem o poder da cura, em especial de libertar os espíritos maus dos pacientes. Usa uma capulana específica no processo de libertação com auxílio de alguns adornos como o “*tilholo*” que estes por sua vez tem como função no processo de adivinhação. Percebeu-se também que uma pessoa normal que não exerce o papel do curandeirismo, pode sim usar a capulana dos curandeiros, porque algumas capulanas como da cor vermelha, branca protegem-nas contra os inimigos, doenças etc. só não as podem usar entrando na cubata do curandeiro onde exerce a sua função, pois resultaria numa guerra espiritual.

Estas referências irão contribuir no desenvolvimento dos padrões e no redesign da capulana, que constitui o objetivo principal do trabalho de forma a criar capulanas que vão ao encontro do grupo alvo que são as mulheres.

3.2. Mucume

O mucume é a capulana grande com renda no meio, e amarra-se à volta da cintura fazendo de saia, acompanhada dum pedaço de tecido que se usa no ombro "vemba", de forma a combinar os padrões. O mucume pode ser definido como uma capulana maior, de 2x180 cm, com uma renda ao meio. É a maior das capulanas encontradas em loja, com grande diversidade simbólica, podendo ser usado em cerimónias fúnebres, como indumentária no dia-a-dia e no lobolo (*lobolo, casamento tradicional*) o qual se resume num traje completo, formado por três capulanas: uma amarrada à cintura, a segunda colocada sobre o ombro e caída de forma oblíqua para o lado contrário do tronco e a terceira amarrada à cabeça (Torcato, 2011, p.15).

O mucume é utilizado como uma cobertura. Assim, a Capulana torna-se grande e cobre todo o corpo. As viúvas tradicionalmente devem usar o mucume cobrindo a cabeça e o rosto, com o intuito de esconder o choro (Renata, 2013, p.5).



Figura 3.6. "A viúva usando o mucume com o intuito de esconder o choro"

Fonte: da autora

Uma das mulheres de 45 anos que foi entrevistada referiu que “o mucume” é uma capulana que não pode faltar nas longas viagens feitas pelas mulheres, nomeadamente quando vão a uma casa onde há falecimentos. Pois como é habitual em algumas regiões de Moçambique, as mulheres e familiares mais próximos da família enlutada e as vizinhas, com idade compreendida entre os 30 e 60 anos, ficam na casa do falecido/a para o/a acompanhar durante uma semana. Devem assim levar consigo o mucume, por se tratar duma peça grande, para que possa servir de cobertor enquanto dormem.”

Por sua vez, outra das entrevistadas, uma mulher de 40 anos diz que o mucume é usado pelos mais velhos e pela mãe da noiva, na cerimónia do noivado. Também é usada como cobertura nupcial da esteira. Quando acontece o casamento tradicional, “o lobolo”, a família da noiva faz uma lista onde constam todos os materiais solicitados pela família da noiva e o mucume é um dos materiais incluídos, que a família do noivo deve comprar para oferecer à tia ou à mãe da noiva no dia do matrimónio o “mucumi nivemba” é oferecido a noiva para demonstrar que ela passa a ser uma mulher adulta e dona de casa.

Como refere o autor Granjo (2005), no seu livro intitulado “lobolo em Maputo”

“Lobolo deriva do “Cu lobola que significa comprar em casamento, diz-se de um pai que reclama ao pretendente da filha uma certa quantia em dinheiro, adornos corporais, capulana e roupas para o pai da noiva, a mãe e as tias. Sendo a quantia paga: os bois, as enxadas ou as libras esterlinas”. Porém, o mesmo autor sublinha que este termo é referente à “ação de pagar” mais do que o valor em si (Junod, 1996:105) ”

“Muitas figuras importantes da família do noivo, assim como da noiva estão presentes na cerimónia do lobolo e os artigos por conferir são tantos e não é uma tarefa rápida, para além dos 2500 000 meticais que correspondem a 30 euros do lobolo que habitualmente são exigidos ao noivo como sinonimo de pagar a sua futura esposa, a família do noivo tem de levar consigo, roupa completa para noiva, o pai da noiva, as tias e a mãe, rapé e uma capulana “mucume”” (Granjo, 2005, p.26).



Figura 3.7." A mãe e as tias da noiva trajadas do mucume na cerimónia Lobolo"

Fonte: Paulo Granjo, pág. 36, 2005

Durante o lobolo usa-se o mucume para tapar a noiva, sendo escoltada à frente e atrás por duas raparigas (podendo ser prima, amiga, irmã) que a conduzem até ao seu lugar, onde se encontram a família do noivo e da noiva depois da celebração da entrega dos materiais solicitados para o lobolo à família da noiva (Granjo 2005, p.36).

Para que a capulana seja tirada do rosto da noiva é exigido à família do noivo uma quantia que corresponde a 50 meticais, (1 euro), podendo ser reclamado o valor pelas suas companheiras como condição para tirar a capulana do rosto da noiva. Após ser oferecido o valor a noiva, o mucume é retirado do seu rosto (Granjo 2005, p.36).

"O pai da noiva manda entrar todas as filhas para que a eleita seja indicada, sendo-lhe perguntado se ela conhece os familiares do noivo, e a resposta é sim, confirma que reconhece a família do noivo, as irmãs retiram-se e a noiva é convidada a sentar-se no chão, começando então a ser apresentado o dote à medida que as diferentes dádivas são solicitados por membro da família. Tudo é espalhado no chão, sendo o dinheiro depositado nota a nota numa capulana. Explode uma alegria coletiva, com cantos e danças tradicionais, com hilariantes risos por parte das mulheres e que só param quando uma lauta refeição começa a ser servida (Granjo 2005, p.27).



Figura 3.8. "A noiva é entregue sendo necessário pagar para que lhe tirem a capulana" *mucume*" do rosto"

Fonte: Granjo, pág. 36, 2005

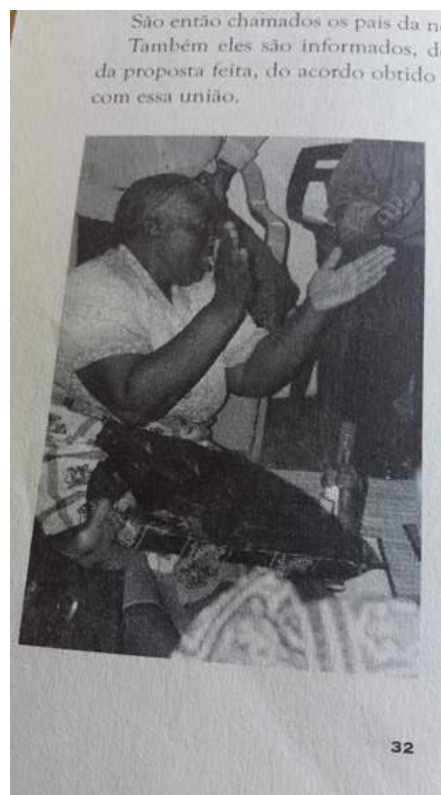


Figura 3.9. "Mulher celebrando com cantos a fase que termina da entrega do *dote* à família da noiva"

Fonte: Granjo, pág. 37, 2005



Figura 3.10. "A mulher destapa a noiva, tirando o mucume do rosto"

Fonte: Granjo, pág. 36, 2005

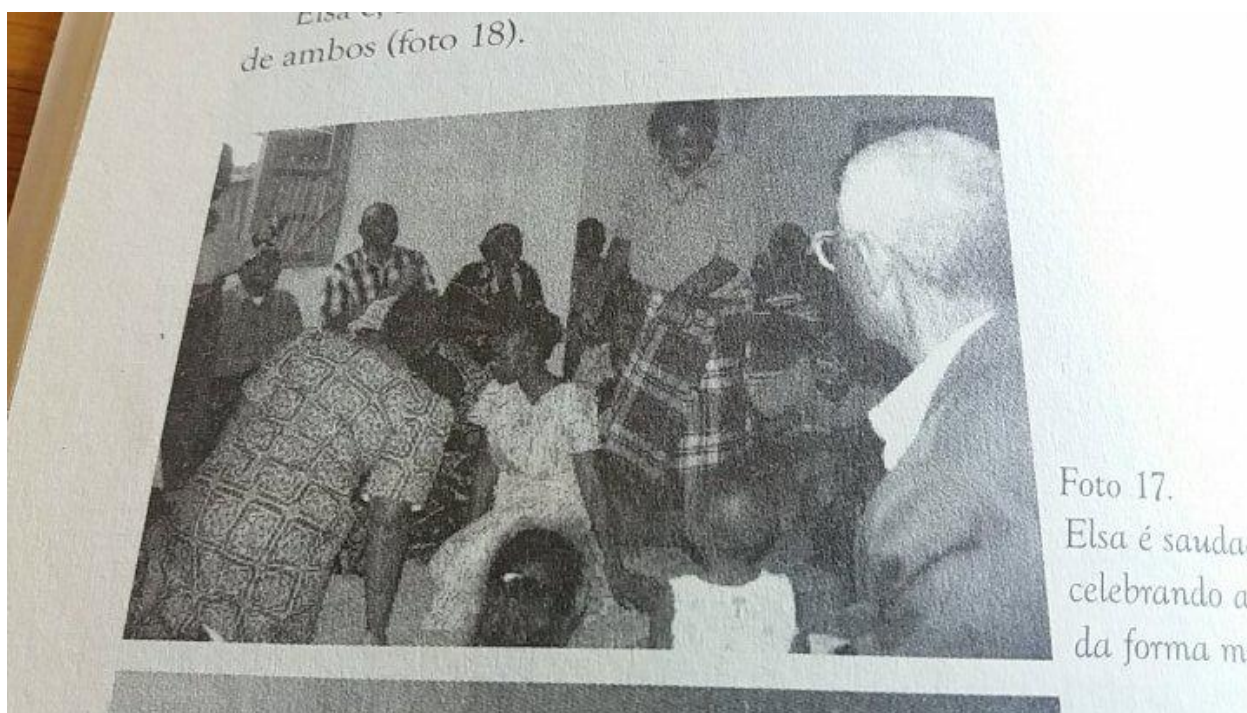


Figura 3.11. "Mulher trajada do mucume na cerimónia do lobolo celebrando com canto tradicional"

Fonte: Paulo Granjo, pág. 36, 2005

Quando a mulher recebe o mucume do seu marido, este ato demonstra amor e cuidado em ver a sua esposa bela. E quanto mais capulanas tiver mais rica a mulher se considera.

O mucume, para além de ser usado no casamento tradicional “lobolo” e em cerimónias fúnebres, é também usado como indumentária diária por mulheres mais velhas com idades compreendidas entre os 40 e os 60 anos, que o enrolam à volta da cintura, fazendo de saia, ou lenço e é acompanhado de outro no ombro, como mostrado na ilustração seguinte.



vemba



mukume

mucume ni vemba conjunto classico, constituído por duas capulanas cortadas numa mesma peça de pano



Figura 3.12. "Mucume ni vemba"

Fonte: da autora

Desta forma conclui-se que a simbologia e usabilidade do mucume é vasta, por se tratar de um material usado em vários momentos da vida dos moçambicanos. Pode ser usado em festas, cerimónias fúnebres e para o dia-a-dia.

3.3. Usabilidade da capulana

A forma de amarrar a capulana comunica individualidade e a grupos sociais. Como refere a autora Angelica André, a forma de amarrar a capulana ou lenço diz se a mulher é do sul, do centro ou do norte. Quando se trata de uma jovem ainda impúbere, ou então casada, noiva, divorciada ou viúva, existem códigos na forma de usar a capulana que distinguem uma da outra. As mulheres casadas distinguem-se pelo uso da capulana mais comprida, amarrada da cintura ao tornozelo, acompanhada dum lenço. As solteiras, sendo as mais jovens, usam capulana mais curta amarrando da cintura ao joelho de forma a aliciar os homens sem se preocuparem com a crítica dos mais velhos. As mais jovens e solteiras por vezes não sabem ainda distinguir a forma de usar a capulana em detrimento dos lugares onde vão (André 2016,p.20). O uso da Capulana é assim uma aprendizagem de estética e regras sociais.

As mulheres casadas que vestem roupas de forma a expor o corpo, são consideradas que agem com falta de respeito e deixam de ser um bom exemplo para os mais novos e para os "filhos".

As jovens atualmente usam a capulana de forma livre, considerada moralmente incorreta, dobram a capulana ao meio de modo a que os joelhos fiquem à vista, as duas pontas superiores e o umbigo ficam à vista e vestem apenas com calcinha, escandalizando os mais velhos. Existe uma diferença entre a forma como se amarra a capulana dos mais jovens aos mais velhos como nos mostra o depoimento a seguir.

"Por exemplo, a maneira correta de amarrar a capulana é pô-la até aos calcanhares e por baixo desta tem que ter uma saia ou um vestido. As pontas superiores devem ficar escondidas na parte lateral da bacia, o umbigo deve permanecer escondido. Mas as jovens poem-na de forma totalmente diferente, gostam de dobrar a capulana ao meio de modo a que os joelhos fiquem a vista, as duas pontas superiores e o umbigo fica a vista de quem quiser ver e poem na apenas com calcinha, escandalizando os mais velhos. ("André 2016, pág. 26)



Figura 3.13. "Mulheres jovens e solteiras"

Fonte: da autora



Figura 3.14. "Mulher casada"

Fonte: da autora

Na sequência das entrevistas direcionadas para as mulheres que constituem o grupo alvo da pesquisa, foram entrevistas além de mulheres adultas e idosas, entre 40 a 60anos, também jovens com idade compreendida entre os 18 a 30 anos, para perceber de que forma e em que momentos usam a capulana.

"Uso a capulana para ser bem vista pelos mais velhos, e em momentos específicos, concretamente em cerimónias fúnebres, ou quando recebo visita duma pessoa mais velha que conserva os princípios da tradição, e quando vou a igreja. Aparecer neste meio social sem a

capulana considera-se falta de respeito e educação. Uma mulher que não respeita o próprio corpo e princípios da tradição". Para mim a capulana vai além da simbologia tradicional, vejo na capulana uma forma diferente de vestir-se além do seu uso tradicional. Transformando-a em saia, vestido, camisa entre outros cortes inspirados na modelagem europeia. O autor Francisco Martinez afirma que a tradição, não significa necessariamente repetição, pelo que a cultura também não é repetitiva, é dinâmica no sentido da sua permanente vitalidade, que se materializa em processos de mudança e de transformação. Neste sentido podemos afirmar que a cultura não é a mesma, cresce e se desenvolve (Martinez 2009).

A globalização e emancipação da mulher contribuíram para que os jovens implementassem novas formas do uso da capulana, com outros acréscimos simbólicos como confirma uma das jovens entrevistadas de 25 anos contabilista do banco de Moçambique.

"Para mim a capulana é sinónimo de beleza, raramente visto a capulana de forma tradicional, enrolando fazendo de saia. Compro capulanas de preferência de cores vivas e diversificados (amarelo, verde, laranja), e transformo-as em saias, casacos, calças e vestidos para levar ao trabalho.

E os modelos de roupa são sempre inspirados em roupas que vejo nas novelas brasileiras e mexicanas, porque são novelas que sempre passam cá em Moçambique. Só uso a capulana tradicionalmente quando vou a uma cerimónia específica (falecimentos, casamento, igreja)". E desta forma resume-se que existem formas diversificadas no uso da capulana e que através da forma como as mulheres se apresentam, pode-se distinguir as casadas e as solteiras. Sendo que a forma mais correta é amarrando da cintura ao tornozelo, como sinónimo de respeito para com o corpo da mulher. E compreende-se que algumas mulheres usam a capulana de forma tradicional em lugares próprios como cerimónias fúnebres e transformam em vestuário inspirado na modelagem europeia.

Capítulo 4. Redesign da capulana

Redesign da capulana

Redesign é compreendido como o ato de reformular, renovar, surge de necessidades variadas, as quais variam de acordo com seu propósito, pode ser para uma renovação visual, atualização, correções estéticas entre outras (Jorge, 2015, p.32).

Pode ser compreendido como a reformulação do Design de algo. A necessidade de renovar por diversas razões, pode ser pelo aparecimento de novas técnicas, de novos materiais, para eliminar falhas existentes ou como estratégia de marketing para renovar o produto no mercado, considerando não só conceitos visuais, mas sistemas de produtos. Quando se propõe o redesign para algo é comum manter uma conexão com o que já existia previamente, há casos de objetos, materiais, ou produtos, que adquiriram um visual novo, o qual pode ter surgido por readequação ao momento, novo posicionamento ou novas tendências (Jorge,2015).

Neste trabalho, o redesign da capulana consiste em desenvolver padrões com elementos artístico e cultural. Nomeadamente através da recriação de capulanas que têm como inspiração obras de arte, como é o caso das pinturas plásticas do artista Malangatana, mestre das artes plásticas em Moçambique, conhecido como emblemático pintor do continente africano. Serão também desenvolvidos padrões que se inspiram em outros elementos culturais, nomeadamente o monumento histórico (Caminhos de ferro de Moçambique), a "Mafura" Fruta, a "dinembo" tatuagem maconde, trazendo novos significados simbólicos e culturais. Acrescentar informação, através da criação de um catálogo, que contém informações sobre a simbologia e o uso da capulana, como forma de alargar o mercado para turistas e contribuir para a aprendizagem das novas gerações, que em alguns casos não tem conhecimento da simbologia da capulana.

4.1. Metodologia da pesquisa do campo

Foi realizada uma pesquisa exploratória, com o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito e a construir hipóteses. A pesquisa envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão do problema. Essas pesquisas podem ser classificadas como: pesquisa bibliográfica e estudo de campo Gil (2007 IN GERHARD 2009).

O objetivo foi perceber a diversidade do uso da capulana e a sua simbologia, o que de certa forma irá facilitar o desenvolvimento de novos padrões que é um dos principais objetivos do projeto. Para elevar o limite de saturação de resposta, aplicou-se um questionário às mulheres que constituem o grupo alvo, mas também aos fornecedores da capulana nas lojas e aos médicos tradicionais "curandeiros", enriquecendo assim os conteúdos e recolhendo a percepção destes grupos de especialistas sobre o uso da capulana e a sua simbologia. Finalmente foram desenvolvidos e introduzidos elementos extras de informação como

etiquetas, para facultar uma explicação breve sobre uso, conservação, da capulana, para o mercado interno e externo.

O questionário apresenta perguntas fechadas e abertas. O primeiro grupo de questões é relativamente à origem e simbologia da capulana, e foi direcionada para as mulheres, fornecedores e médicos tradicionais "curandeiros". O segundo grupo questiona sobre em que momentos é usada a capulana. E finalmente o terceiro grupo de questões abertas visa saber quais os tipos de estampas/padrões e cores as entrevistadas usariam ou não usariam, além de questionar quais os principais símbolos típicos de Moçambique frequentemente usados nas capulanas e as formas de lavagem e conservação.

Foram entrevistadas 52 mulheres de 18 a 60 anos de idade, de classes socioeconómicas variadas, 20 fornecedores da capulana e 10 médicos tradicionais (curandeiros), moradores nas seguintes Províncias pertencentes a Moçambique: Maputo (capital de Moçambique) e Distrito de Manhiça (Maputo). As respostas foram analisadas e convertidas em gráficos indicando a percentagem de cada resposta em opção múltipla dos inquiridos. E por último é feita a análise de conteúdo das respostas.

4.2. Apresentação e discussão dos resultados

Foram entrevistadas mulheres adultas com idade compreendida dos 30 a 60 anos, E jovens dos 18 a 30 anos. As mulheres adultas constituem a maioria por termos notado que são as que mais usam e compram a capulana. As entrevistas visam captar opiniões diversificadas em ambos os grupos sobre o uso, simbologia, padrões preferidos, cores, e métodos de conservação, e perceber nestes grupos de mulheres a importância de introduzir informação sobre uso e conservação da capulana para o mercado interno e aplicar depois ao mercado externo (turistas).

As entrevistas foram realizadas na província de Maputo e distrito de Manhiça, em Moçambique. Em diferentes espaços e momentos, dentre eles (cerimónias fúnebres e festas "xitique"), e em conversa com amigos, vizinhos e colegas de amigos mais chegados. A figura abaixo ilustra momentos das entrevistas com mulheres adultas no Distrito da Manhiça.



Figura 4.1. "Momentos da entrevista com mulheres adultas no Distrito de Manhiça "numa cerimónia fúnebre)

Fonte: da autora



Figura 4.2. "Momentos da entrevista com mulheres jovens no Distrito de Manhiça" numa cerimónia fúnebre)

Fonte: da autora

As imagens acima referenciadas mostram a importância do uso da capulana em cerimónia fúnebre. Todas as mulheres presentes têm uma capulana; os padrões e cores são diferentes. Percebe-se que não existe um padrão de cor ou estampa que se usa, cada uma das

personagens aparece com uma cor e estampa de sua preferência. E desta forma, percebe-se que o importante é levar uma capulana independentemente da cor e estampa.

A seguir faz-se uma descrição gráfica no que diz respeito a ocasiões em que as mulheres (jovens e adultas) mais usam a capulana. Nos gráficos seguintes a primeira coluna indica o número total de entrevistadas.

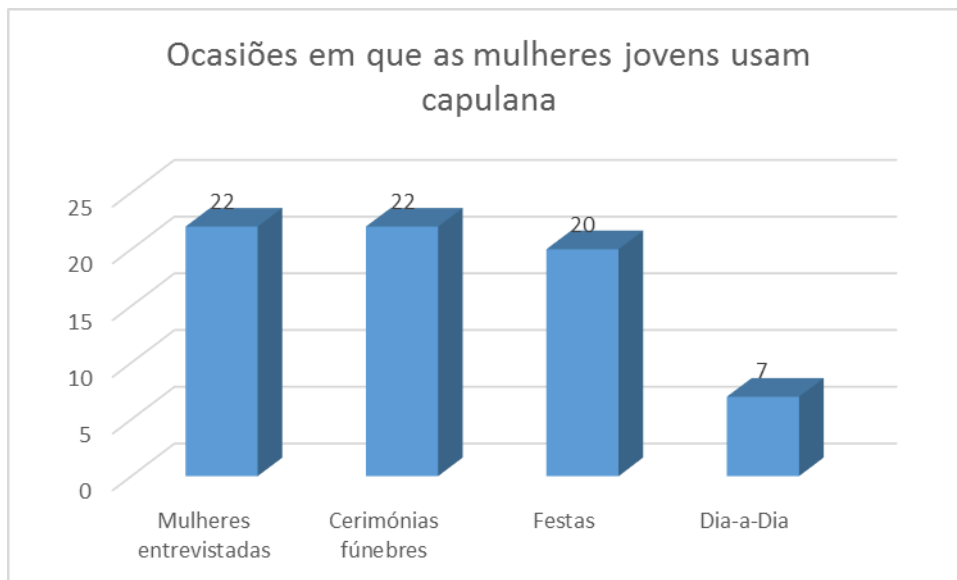


Figura 4.3. Gráfico relativo a ocasiões em que mulheres jovens usam a capulana

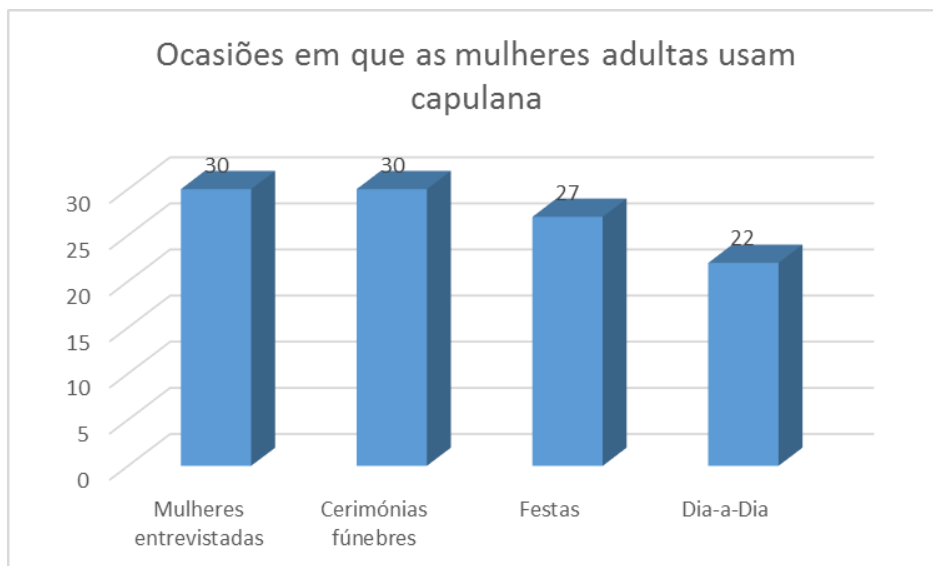


Figura 4.4. Gráfico relativo a ocasiões em que mulheres adultas usam a capulana

Fazendo uma análise comparativa dos dois gráficos observamos que para as mulheres jovens o uso da capulana no dia-a-dia é menos habitual. As mulheres adultas são as que mais usam a capulana no seu dia-a-dia, para desempenhar tarefas domésticas (conforme a ilustração da figura abaixo), e usam-na como indumentária.

Acrescente-se que as jovens que mais usam a capulana no seu dia-a-dia são jovens casadas.



Figura 4.5. "Mulher usando a capulana em trabalhos domésticos"

Fonte: da autora



Figura 4.6. "Mulheres jovens usando capulana como indumentária no seu dia-a-dia"

Fonte: da autora



Figura 4.7. "Mulher adulta usando capulana como indumentária no seu dia-a-dia"

Fonte: da autora

O uso da capulana em épocas festivas é mais frequente em ambos os grupos, devido ao facto de ser tradição o uso da capulana em algumas cerimónias e dias em que se comemora uma dada específica, como *xiguiane* (*segundo dia do casamento na casa da noiva*), no momento da entrega das prendas as mulheres usam a capulana de forma a combinar, como forma de

identificação com o mesmo grupo ou mesmo seio familiar, como se pode ver na ilustração da figura abaixo.



Figura 4.8. "Mulheres jovens vestindo a capulana de forma a combinar "Cerimónia alusiva ao dia 1 de maio, dia do trabalhador"

Fonte: da autora

E por último fazemos uma reflexão sobre o uso da capulana em cerimónias fúnebres. Sendo esta atitude quase obrigatória de acordo com a tradição, as duas faixas etárias demonstram uma elevada frequência no uso da capulana neste tipo de cerimónia.

De forma conclusiva, no que diz respeito ao uso da capulana em ocasiões (dia-a-dia, cerimónias fúnebres, festas) notou-se que a capulana é mais usada em cerimónias fúnebres, por ambos os grupos, por ser tradição. Para o dia-a-dia, verificou-se uma diferença

significativa, sendo as mulheres adultas as que mais a usam, pelo fato de serem as que mais conservam os princípios da tradição e por a maioria delas ser casada. Em épocas festivas nota-se que há uma tendência de a usarem de igual forma e a combinar, transformando em roupas e amarrando de forma a definirem-se como um grupo.

Fazendo uma análise comparativa dos dois gráficos seguintes, percebe-se que a capulana é sinónimo de respeito e tradição.

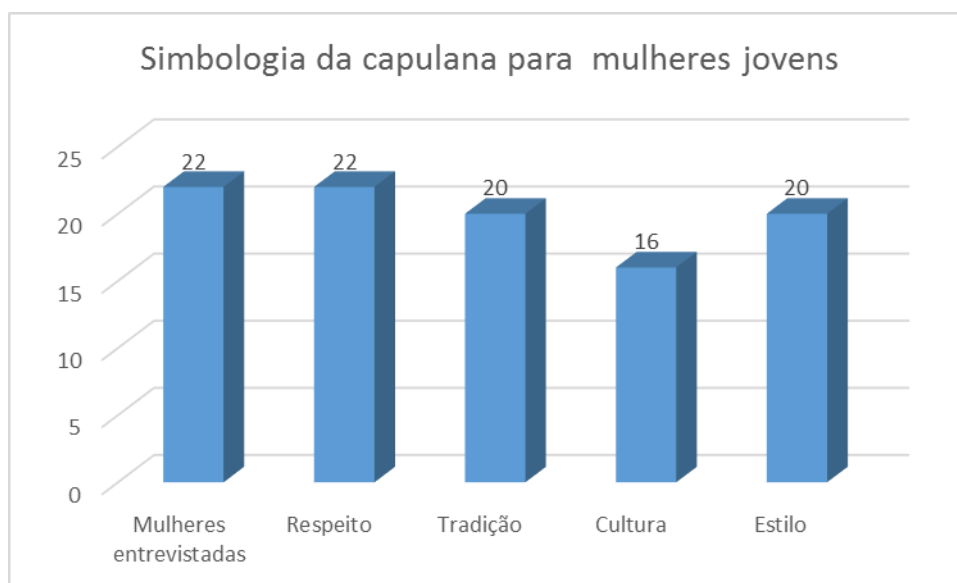


Figura 4.9. Gráfico relativo à simbologia da capulana para mulheres jovens

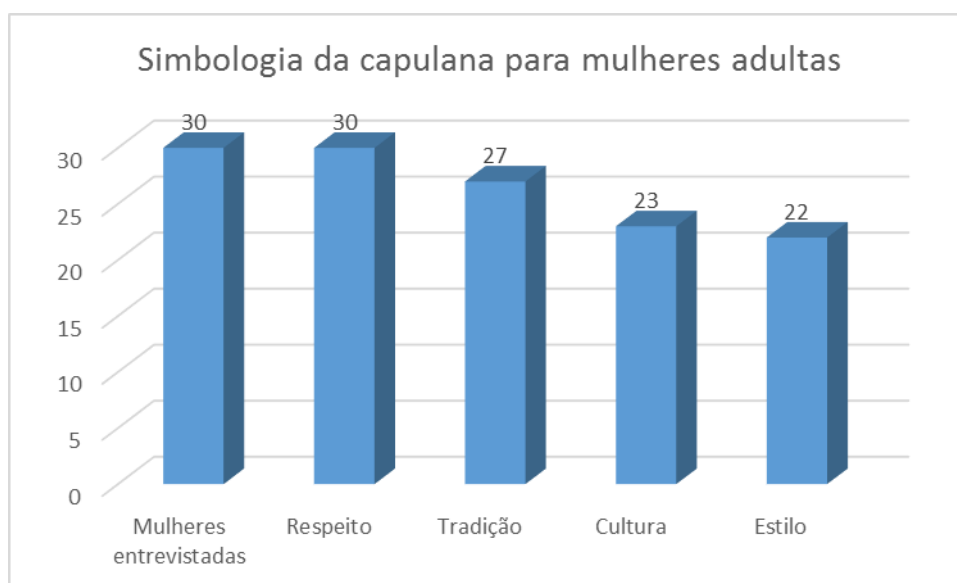


Figura 4.10. Gráfico relativo à simbologia da capulana para mulheres adultas

As mulheres afirmam nas entrevistas que levam sempre consigo uma capulana na bolsa, como forma de precaver se algum incidente ocorrer. Ainda que não tenham que a usar, faz parte da tradição levarem consigo uma capulana, pois nunca sabem o que lhes podem acontecer (pode dar caso de rasgar a saia, ou vestido, ou começo repentino do período menstrual daí a importância de lavar sempre na bolsa nas pequenas e grandes viagens).

As mulheres que usam a capulana cobrem o próprio corpo escondendo as partes íntimas. Apesar de a capulana não ter origem em Moçambique, é considerada como cultura moçambicana porque faz parte de vários momentos da vida dos moçambicanos, concretamente da mulher, que constituiu o potencial usuário da capulana, e que a pode usar em festas, cerimónias fúnebres e no dia-a-dia.

A seguir faz-se uma apresentação gráfica relativa aos tipos de padrões que as mulheres jovens e adultas preferem. Esta avaliação é importante no projeto, porque nos permite desenvolver padrões que vão ao encontro do grupo alvo.

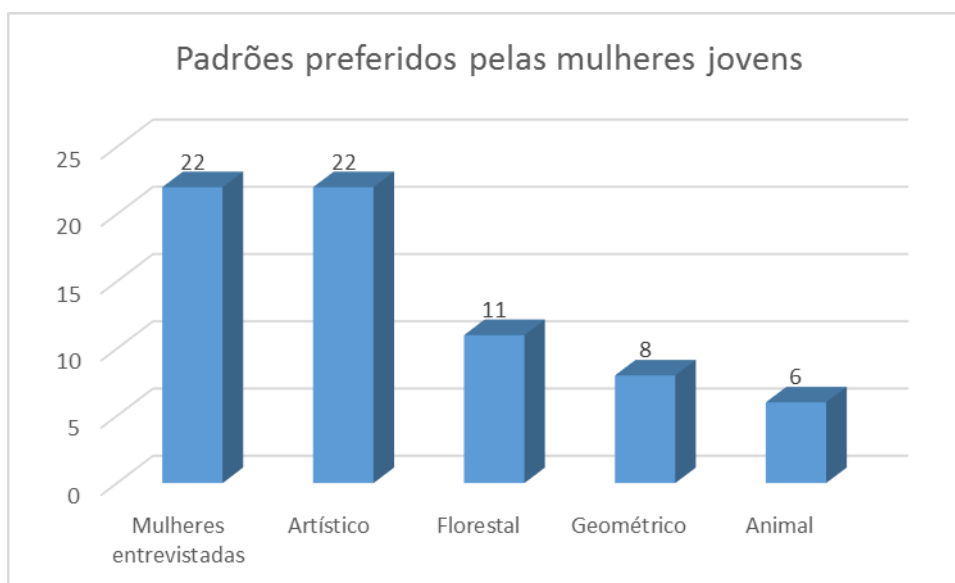


Figura 4.11. Gráfico dos padrões preferidos pelas mulheres jovens

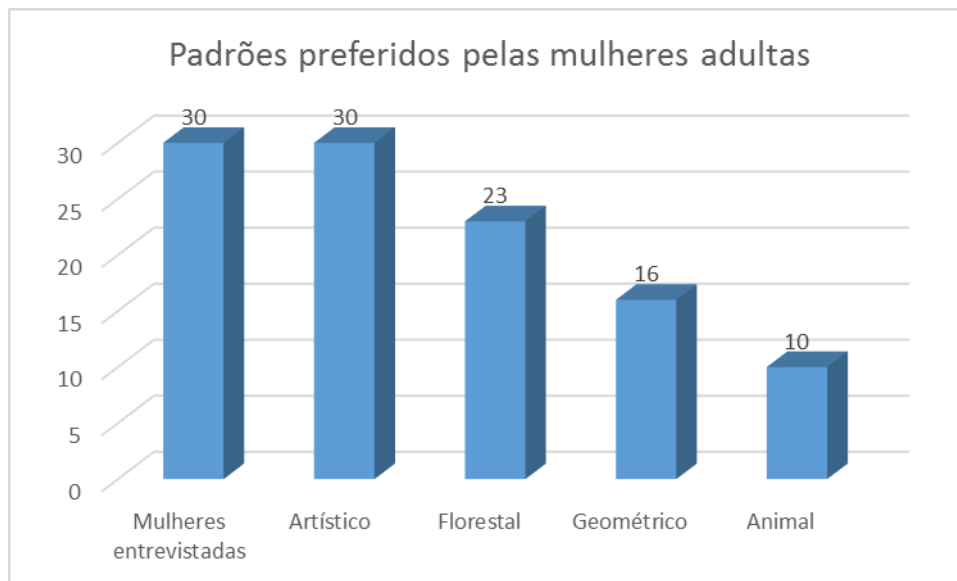


Figura 4.12. Gráfico dos padrões preferidos pelas mulheres adultas

Os dois gráficos apresentam o padrão artístico como o mais preferido pelas mulheres.

E o florestal surge em segundo lugar de preferência.

As mulheres preferem o padrão artístico, pela sua composição de cores e figuras abstratas, por se tratar de um tipo de padrão que frequentemente apresenta uma mistura de cores e figuras artísticas. Afirmam a possibilidade de poder combinar com outras peças de roupa sem estampa, usando de forma tradicional e moderna, transformando em peças de roupa.

E preferem depois o florestal por ser um padrão inspirado na natureza (apresenta, folhas, árvores, plantas, e frutas). Por vezes associado às savanas de Moçambique, plantas e frutas típicas, trazendo desta forma memórias ligados ao seu meio cultural e natural. Esta preferência pode estar relacionada com a influência dos padrões indianos. Durante toda a história da estamparia, desde o movimento artístico (conhecido como Art Nouveau), até aos dias atuais, as flores são um motivo de recorrência e mantem-se sempre atual, sendo representadas de diversas formas, grandes extensões ou parecendo pequenas em pequenas repetições podendo estar associado a motivos geométricos. O padrão animal foi o menos votado. Apesar de existirem capulanas com desenhos de animais que não são típicas dos curandeiros, é mais comum serem os curandeiros a usar capulanas com desenho animal, e por esta razão as mulheres estão consciencializadas a não usar este tipo de capulana com esses padrões.

A seguir faz-se uma apresentação gráfica relativamente à preferência das cores pelas mulheres jovens e adultas

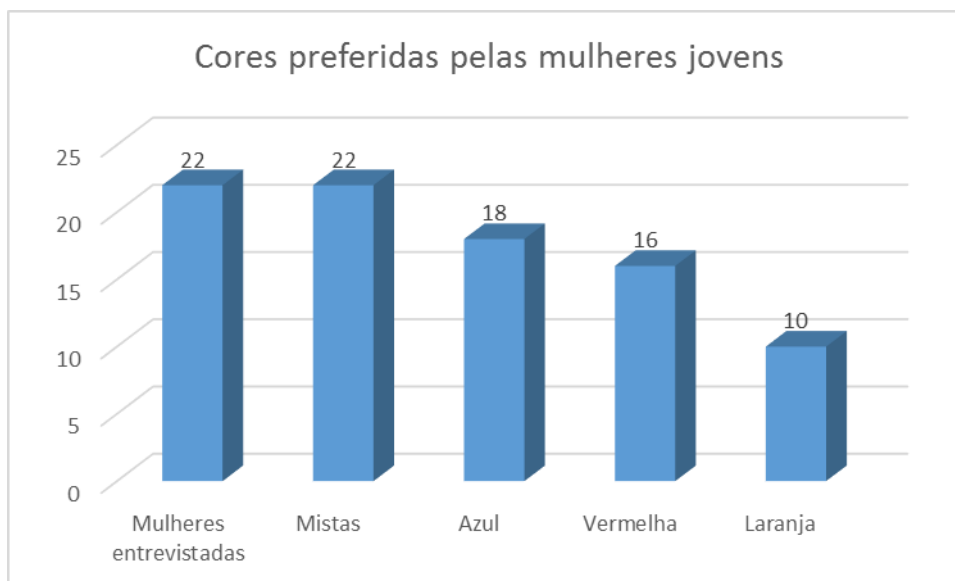


Figura 4.13. Gráfico das cores preferidas pelas mulheres jovens

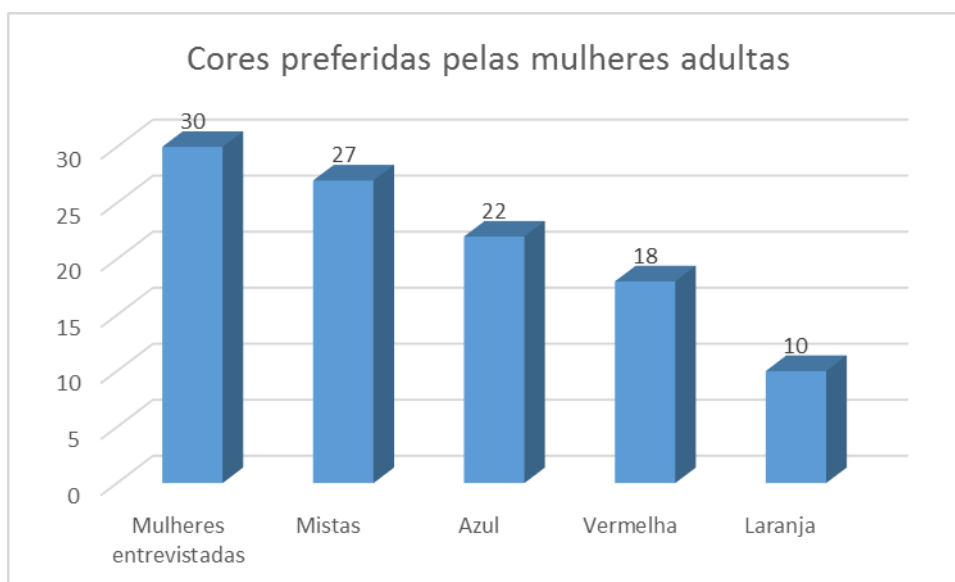


Figura 4.14. Gráfico das cores preferidas pelas mulheres adultas

Nos dois gráficos, tanto as mulheres adultas e jovens preferem a mistura de cores (misturas) que é caracterizado por compor mais de uma cor no mesmo padrão (laranja, azul, amarelo, vermelho), e pela influência das capulanas que o mercado oferece, que são na sua maioria mistas. E em segundo plano a cor azul, estando em terceiro lugar a cor vermelha, e por último a laranja sendo a menos votada.

Foram feitas perguntas abertas relativamente à forma como as mulheres conservam ou lavam a capulana, e alegam ter apreendido de outras gerações, amigos, vizinhos e de mulheres mais velhas. O método mais adequado seria de lavar a capulana com sabão, deixando-a numa temperatura amena de menos calor, não sendo aconselhável o uso de detergente químico,

evitando a descoloração. E para manter fixa a tinta na capulana é necessário introduzir na água fria com sal.

E por último foram questionados se havia uma necessidade de se introduzir um elemento (etiqueta, catálogo,), informando sobre o uso, simbologia e conservação da capulana. As mulheres jovens mostraram mais interesse neste aspeto por algumas delas usarem a capulana de forma tradicional sem saberem a sua simbologia e conservação. As mulheres mais velhas em parte acham desnecessário implementar esta informação, alegando ter conhecimento da simbologia e formas de uso da capulana.

De forma conclusiva, o questionário revelou-nos sobre as preferências e as necessidades das mulheres jovens e adultas. Esta recolha de dados indicou-nos o caminho para o desenvolvimento de padrões estampados em capulana que contenham elementos típicos de Moçambique. Serão propostos padrões artísticos e florestais (plantas, frutas, pinturas plásticas,) em cores mistas que possam ser utilizados em combinação com peças lisas, como referem acima as mulheres entrevistadas. E que possam ser versáteis o suficiente para utilizá-las em diversas ocasiões: durante o dia, festas e em cerimónias fúnebres.

Também foram entrevistados fornecedores da capulana em relação aos tipos de padrões, cores e ocasiões em que as mulheres usam a capulana. Foram entrevistados 20 fornecedores da capulana, nas lojas da baixa da cidade e mercado xiphamanine em Maputo, em que 15 fornecedores pertencem às lojas da baixa da cidade por ser um lugar com maior índice de lojas com capulanas. No mercado xiphamanine houve 5 vendedores entrevistados, pois apesar de ser um dos maiores mercados comercial em Maputo, o nível de lojas de capulana é menor. Relativamente às cores e padrões, os fornecedores mostraram-se confusos ao definir um único padrão e o tipo de cores que as mulheres mais compram, alegando vender quase todos tipos de padrões e cores dependendo do gosto de cada cliente. Mas as de algodão são as mais procuradas, num valor de 350 meticais que corresponde a 5 euros. São as preferidas pelas mulheres por apresentarem uma qualidade boa comparada com as de poliéster, cujo valor corresponde de 100 meticais a 150 meticais, que são 1 a 2 euros.

Eles afirmam que a estampa animal é a mais procurada pelos médicos tradicionais. E os turistas preferem padrões mais étnicos com estampas mais características de Moçambique.

Segundo os fornecedores, as capulanas não dispõem de etiquetas que informem a forma de conservar ou lavar, apenas o nome da fábrica onde elas foram produzidas. E acham importante que se introduza uma informação de como lavar corretamente a capulana, pois elas perduram mais quando são lavadas com sabão.

A entrevista direcionada aos médicos tradicionais, foi feita no xiphamanine na cidade de Maputo, por ser um lugar de fácil acesso a este grupo alvo. E teve como objetivo conhecer a simbologia da capulana por eles usados. Estes dados foram importantes porque contribuíram para o desenvolvimento do trabalho (capulana nos rituais).

Compreendeu-se que a capulana usada por eles é específica e caracterizada por desenhos com animais (cobra, leão, elefante etc.). É usada em diferentes momentos durante os rituais e em contacto com os pacientes que os procuram pela cura. E conclui-se também que uma

pessoa normal pode sim usar capulanas típicas para curandeiros de preferência sem estampa, as de cor branca, e vermelho como forma de libertar-se de certos males e protegerem-se. Também, uma pessoa normal pode usar capulanas com desenhos de animal, desde momento que não entre na cubata do curandeiro.

A análise do questionário teve três grupos distintos, mulheres que constituem o grupo alvo do projeto, fornecedores e curandeiros. Conclui-se que as mulheres comprem as capulanas em função do gosto individual, preferindo capulanas mistas e artísticas que sejam versáteis permitindo levar em diferentes lugares e momentos.

Os fornecedores, por sua vez, vendem capulanas em função do gosto do grupo alvo, fornecendo capulanas com estampas diversificadas e cores mistas, para mulheres e curandeiros.

4.3. Desenvolvimento dos padrões

Para a elaboração e desenvolvimento dos padrões, seguiu-se uma metodologia (MONTEMEZZO, 2003), que consiste:

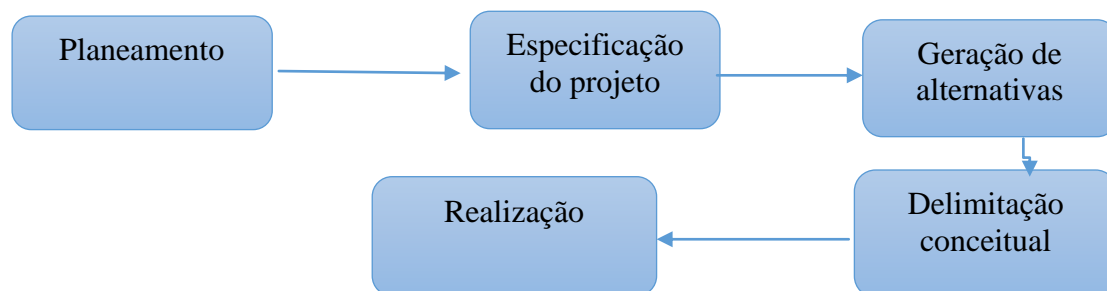


Figura 4.15. (especificação das fases do projeto)

4.3.1. Fase de planeamento

A primeira etapa é de “planeamento” e consiste em elaborar um cronograma de atividades e coleta de dados que irão fundamentar as deliberações efetuadas ao longo do projeto. Sendo que o produto de cada coleção, é algo novo e, por tanto, é necessário um planeamento e um método que incluía o tempo de duração da pesquisa que congrega pesquisas e atividades

práticas. Definindo o escopo do projeto, refinar os objetivos e definir a linha de ação necessária para alcançar os objetivos para os quais o projeto foi criado (Montemezzo, 2003). Nesta fase do projeto de acordo com a ideologia do Montemezzo, foi necessário fazer um planejamento que consistiu em ações práticas como forma de alcançar o objetivo pretendido. Numa primeira fase foi necessário aplicar um questionário às mulheres de todas as faixas etárias (jovens e adultas), que constituem o grupo alvo da pesquisa, como forma de obter as suas contribuições no que diz respeito a tipos de padrões que mais gostam ou usam. Os resultados da pesquisa de campo foram apresentados no ponto anterior, onde se constatou que as mulheres preferem padrões artísticos e florestais de cores mistas. A seguir faz-se apresentação de alguns exemplos de padrões existentes no mercado e ao estudo de cores para fase da especificação do projeto.

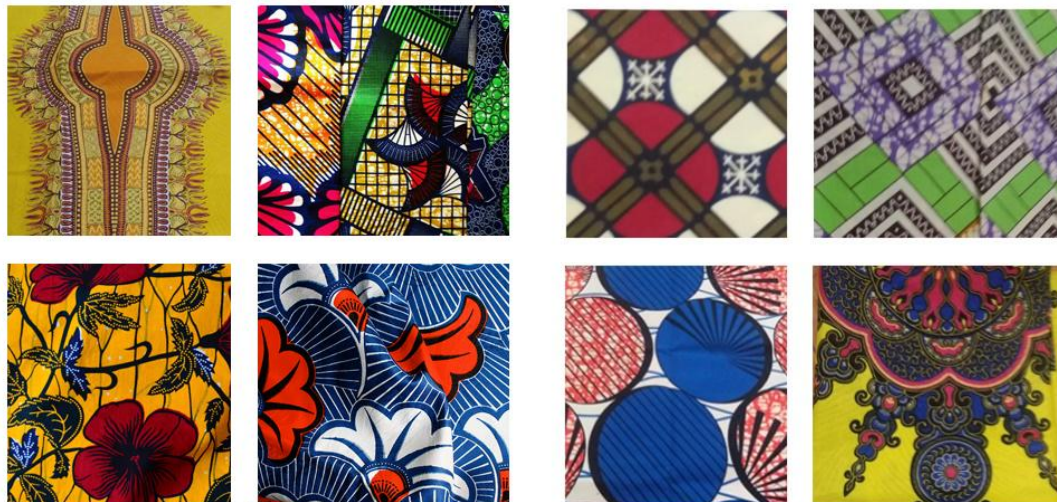


Figura 4.16. " Pesquisa de imagens de capulanas no mercado Fonte: autora

Nota-se que nos exemplos de capulanas acima referidos, as cores são sempre mistas, havendo escassez de capulanas que apresentam uma única cor. Com isso percebe-se o porquê de a maioria das mulheres preferir cores mistas, pois são influenciadas pelo que o mercado oferece. Os padrões são florestais, geométricos e artísticos.

4.3.2. Paleta de cores

A paleta de cores utilizada para o desenvolvimento das estampas é representada através dos resultados obtidos na pesquisa do campo, onde se constatou que as mulheres preferiam cores diversificadas ou mistas (azul, vermelho, laranja, entre outras). A paleta de cores é geralmente decidida neste momento de unificar o desenvolvimento de ideias. Embora isso

não signifique que todos os projetos diferentes em uma coleção tenham que ter exatamente a mesma paleta de cores, devendo manter-se as relações de cor entre eles (Clarke, 2011). Baseado na paleta de cores para o verão, sendo o clima mais predominante do país, a paleta de cores apresentada na Figura abaixo apresenta o estudo feito relacionando com as cores das capulanas predominantes no mercado.



Figura 4.17. "Estudo de cores"

Fonte: da autora

As cores são uma parte essencial para o desenvolvimento de um padrão estampado, pois as mesmas podem ser utilizadas a favor do desenho e quando mal utilizadas podem-no desvirtuar. Assim entendeu-se importante a abordagem ao estudo das cores com a finalidade desenvolvimento de uma coleção de estampados com um elevado impacto visual.

A combinação entre as cores é sempre um fator a ser considerado no Design de moda e em particular no Design de estampados, pois dependendo do estilo da marca para a qual se trabalha, essa harmonia pode ser diferente, podendo ser influenciada por fatores externos, como culturais e sociais.

4.3.3. Fase da especificação do projeto

Nesta fase, fez-se uma recolha de imagens de elementos associados à cultura moçambicana, que servissem de inspiração para o desenvolvimento dos padrões e que trouxessem memórias para as mulheres, no âmbito cultural, histórico e artístico.

Seguiu-se a recolha de imagens do edifício do CFM (caminhos de ferro de Moçambique), pinturas do malangatana, desenhos dinembo (tatuagem maconde) e por último a mafura, que é uma fruta típica de Moçambique. As razões desta escolha serão especificadas no quadro conceitual. A seguir faz-se uma representação ilustrativa do painel das imagens de inspiração para o desenvolvimento dos vários padrões.

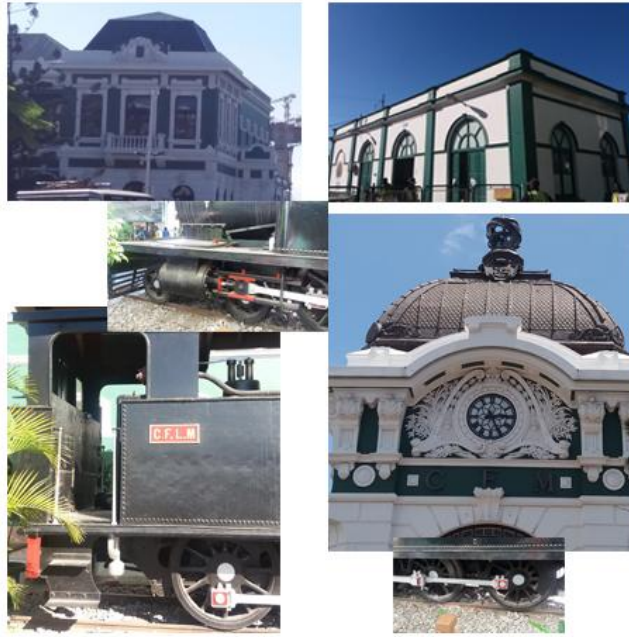


Figura 4.18. "Imagens do CFM como inspiração" (Monumento histórico)
 Fonte: da autora



Figura 4.19. "Pinturas do Malangatana como inspiração"



Figura 4.20. "Tatuagens maconde como inspiração"

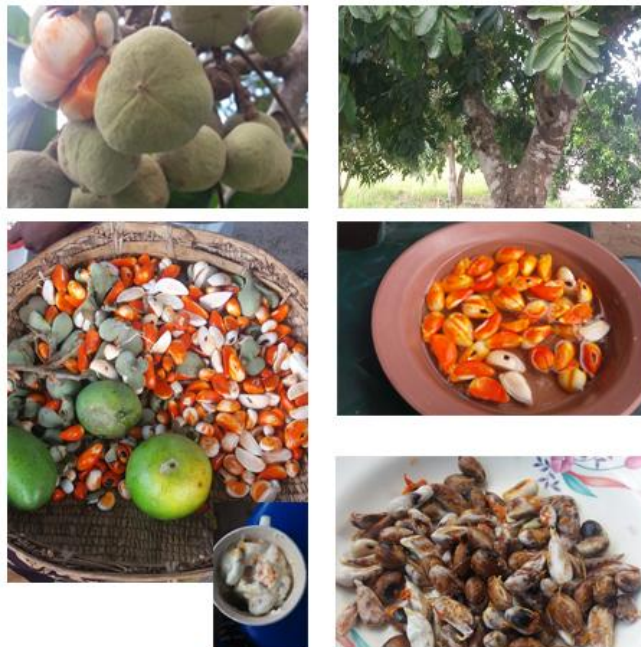


Figura 4.21. "Imagens da mafura como inspiração"

Fonte: da autora (Fruta típica de Moçambique)

4.3.4. Geração de alternativas

Após feita a recolha de imagens como inspiração para o desenvolvimento dos padrões, seguiu-se para fase dos esboços. Este processo facilita a elaboração de ideias, sendo uma etapa fundamental para o desenvolvimento dos padrões, afim de seleccionar as melhores composições.

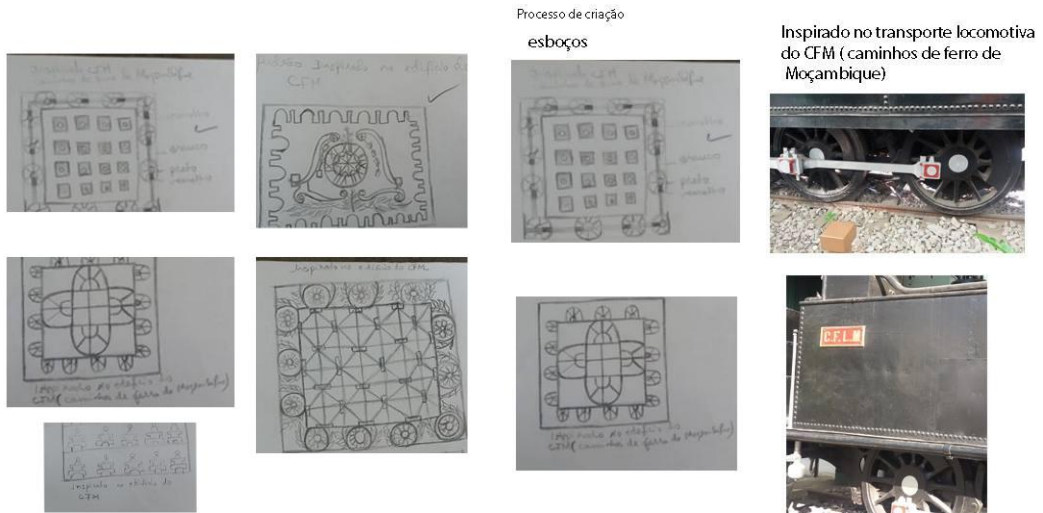


Figura 4.22. "Esboços do padrão CFM"

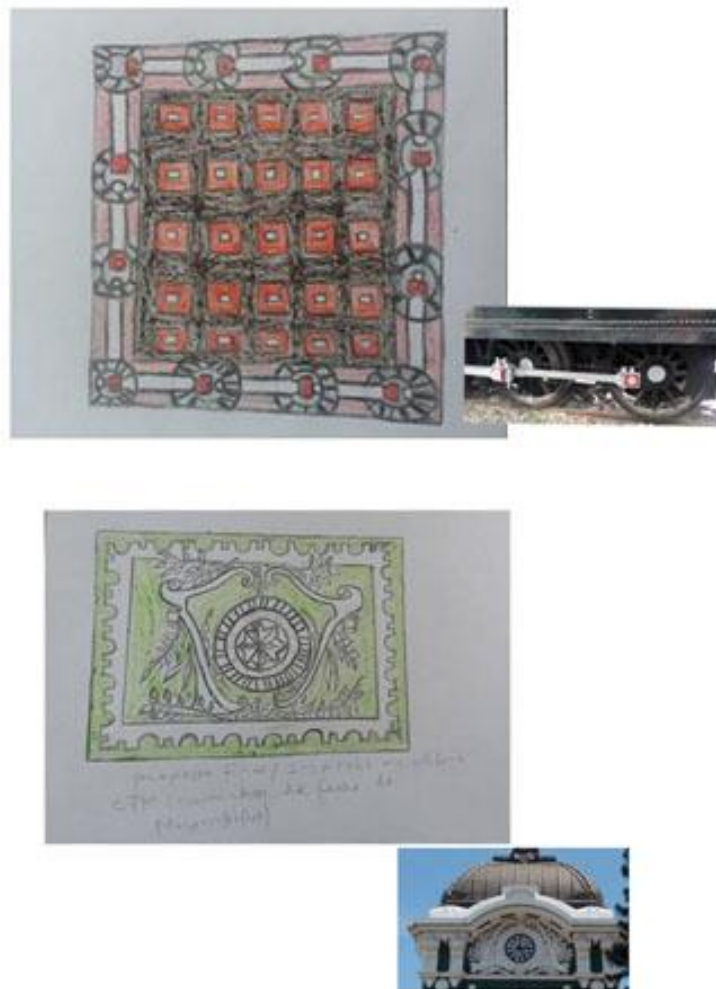


Figura 4.23. Propostas para a produção final (capulana CFM)

Esboços
(Inspirado na obra do Malangatana)



Processo de criação

Propostas finais
(Padrão inspirado na obra do Malangatana)



Figura 4.24. Esboços do padrão Malangatana

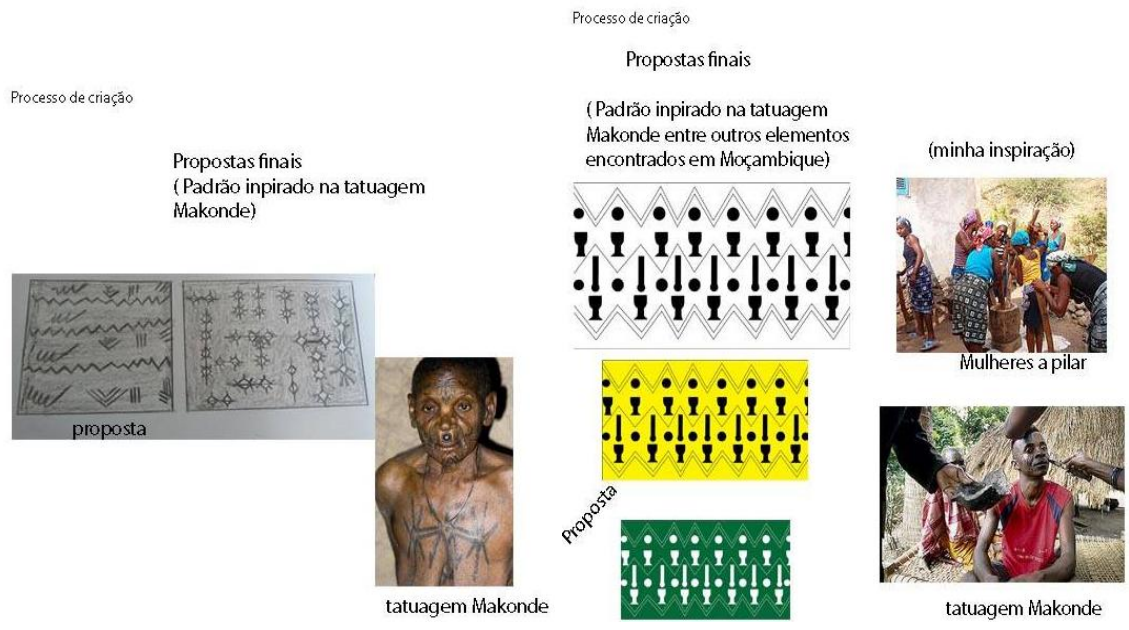


Figura 4.25. Esboços do padrão *dinembo* (tatuagens maconde)



Figura 4.26. Esboços do padrão Mafura (Fruta)

Processo de criação

Propostas finais
(Padrão inspirado na mafura)



Figura 4.27. Propostas finais

4.3.5. Delimitação conceitual

Segundo Montemezzo 2003, o conceito é a essência de uma ideia e norteador do processo de criação, a alma da pesquisa no desenvolvimento do projeto. Sendo viável pensar o conceito de criação por intermédio de relações estabelecidas e diretamente associadas ao objeto de estudo. Este é um possível olhar do Designer para a pesquisa, facilitador na criação de volumes e formas para a conceção do Design. Desta forma importa descrever o conceito dos padrões escolhidos como proposta final para a fase da realização. Estes padrões estão associados a elementos históricos, culturais e artísticos.

4.3.6. Conceito padrão Malangatana

Malangatana foi e é o nome mais reconhecido da arte africana lusófona. Autor de uma obra vasta e muito pessoal, Malangatana faz o cruzamento da cultura indígena com a cultura do colonizador, criando assim uma identidade cultural moçambicana. Pintor moçambicano, reconhecido a nível internacional.

Viveu parte da sua adolescência junto dos colonos portugueses, os mesmos que o iniciaram na pintura, primeiro o artista plástico e biólogo Augusto Cabral e depois o arquiteto Pancho Guedes.

Nos últimos 50 anos foi também muito mais do que pintor. Fez cerâmica, tapeçaria, gravura e escultura. Fez experiências com areia, conchas, pedras e raízes. Foi poeta, Actor, dançarino, músico, dinamizador cultural, organizador de festivais. E as suas obras inspiraram vários jovens moçambicanos e estrangeiros em diversas áreas das artes, havendo escassez das suas inspirações em capulana, daí o interesse de se apropriar das suas pinturas em capulana como forma de trazer contribuições no âmbito artístico e memórias as mulheres que constituem o grupo alvo.

4.3.7. Conceito padrão CFM (caminhos de ferro de Moçambique)

A estação dos caminhos-de-ferro (CFM), foi construída no início do séc. XX, em 1904 e a sua conclusão viria a ocorrer em 1910, tendo sofrido algumas alterações mais tarde. Os CFM considerada a sétima estação mais bela do mundo, tendo sido a primeira ligação ferroviária entre Maputo (antigo Lourenço marques), e Africa do sul entre outros destinos incluindo províncias de Moçambique. Foi a entrada em funcionamento desta linha que possibilitou provar a importância de Moçambique, como provedor de serviços de trânsito de mercadorias para países do *hinterland*, e a sua evolução, permitiu o surgimento de grandes companhias que contribuíram para o crescimento do país, como a camionagem rodoviária e da direção de exploração de transportes Aéreos (DETA), substituída pelas linhas Aéreas de Moçambique (LAM).

O comboio a carvão foi um dos primeiros transportes locomotivos, e recorria se a este transporte quando precisavam urgentemente de alguns medicamentos, entre outros produtos que só existiam nas cidades de onde os comboios vinham e atualmente este meio locomotivo encontra se no museu do CFM em exposição. E como forma de trazer em memória, escolheu se o mesmo para desenvolvimento do padrão que ilustra alguns elementos extraídos do comboio (as formas das rodas e as cores do equipamento).

Explorar este material, além de trazer memórias, há um objetivo de contribuir no âmbito histórico, porque compreende-se que o CFM teve um papel importante não só a nível económico do país, mas permitiu durante um séc. que pessoas de diferentes partes criassem relações, comerciais, amigáveis e culturais. E o padrão tem como perspectiva trazer em memória diversos momentos ligados ao CFM.

4.3.8. Conceito padrão dinembo (tatuagens maconde)

Segundo Dias, Jorge & Margot (1964, pág.68) a tatuagem maconde chama-se em geral, *dinembo*, e só alguns traços ou figuras têm nomes próprios, como os ângulos agudos, chamados *lichumba*. Define Tatuagem Maconde como um processo que altera de forma permanente a aparência da pele, a primeira pela cicatrização desejada em saliência queleide

e a segunda com a colocação do prateado ou azulado à custa normalmente de cinza. Desta forma o corpo transmite o que se passa na alma e na mente do indivíduo que sofreu a escarificação.

Este povo é geralmente caracterizado pelas suas diferentes práticas e manifestações artísticas, como a escarificação, o botoque labial ou *ndona*, a mutilação dentária e a escultura como umas das principais manifestações artísticas deste grupo étnico. Segundo Dias, Jorge & Margot (1964) pouco se sabe sobre a origem dessa arte, contudo, esta caracteriza-se geralmente pelo estilo naturalista, reproduzindo as escarificações tegumentares e botoques labiais, que são características do grupo. Esta arte é também conhecida por máscaras, estátuas humanas com significado religioso, figurando antepassados pela ornamentação de objetos de uso cerimonial.

Entretanto, devido à migração e a fatores políticos que ocorreram após a independência, como a integração dos macondes no exército moçambicano e a sua fixação obrigatória noutros pontos do país algumas práticas foram banidas e extintas ao longo do tempo.

Essas mudanças aplicam-se implicitamente aos valores e padrões culturais, ora preservando uns, ora adaptando outros. Sendo que os rituais deste povo já não têm vigor como antes, no entanto, os Makonde tem conseguido manter a sua identidade, através da arte, isto é, a arte escultória, a dança Mapiko e através das cerimónias de ritos de iniciação. Atualmente continuam a ser uma oportunidade de socialização e um meio de ensinar aos mais jovens a preservar e a recriar a cultura dos seus antepassados. Deste modo, o padrão *Dinembo*, ilustrado em capulana, vem reforçar ou contribuir para a preservação desta cultura entre as mulheres utilizadoras de capulana e os mais jovens. Buscando abranger não só jovens Macondes, mas também todos os moçambicanos, especificamente o público feminino da capital do país (Maputo) que na sua maior desconhece as manifestações culturais deste povo. A capulana será assim, via o padrão, um instrumento de salvaguarda e promoção cultural.

4.3.9. Conceito padrão Mafura (Fruta típica de Moçambique)

Mafura é uma fruta que cresce principalmente na natureza, em uma planta que geralmente cresce nas áreas costeiras do sul de Moçambique e em algumas áreas da África do Sul, mas também pode ser cultivada. O fruto da mafura, especialmente a variedade com bagas brancas, é usado para produzir o óleo (localmente chamado *munhantsi* ou óleo de *mhova*). Este óleo é exportado para outros países.

Em Moçambique, o óleo mafura é um dos óleos utilizado para cozinhar alimentos.

Quando produzidos tradicionalmente, as frutas da árvore são secas ao sol por algumas semanas e depois embebidas em água durante dois dias, para suavizá-las e tornar possível separar a polpa das sementes. Neste ponto, obtém-se um líquido oleoso, que é filtrado para eliminar as sementes. Em seguida, é cozido durante três horas em potes grandes, até que o líquido se separe em uma emulsão clara na superfície (o óleo) e um resíduo denso no fundo da panela (a polpa residual chamada *xibehê* ou massa da mafura). *Xibehê* pode ser misturado

com legumes e comido com xima (um tipo de milho ou mandioca polenta), com arroz ou mandioca.

As sementes da fruta, por outro lado, são usadas para fazer uma manteiga, semelhante à manteiga de cacau, que não é considerada comestível, pois é muito amarga, mas ideal para produzir sabões e velas, ou para curar feridas. As folhas curam doenças do aparelho digestivo. A fruta também pode ser comida fresca, ou misturada com leite ou água para obter um molho comido com mandioca, carne ou peixe.

A escolha desta fruta para o desenvolvimento do padrão, foi pelo fato de perceber que algumas frutas típicas de Moçambique são usados em capulana, como o caso do caju, *canhu*, entre outras. Não existindo ainda uma capulana mafura, e pela sua vasta função na alimentação e economia, achou-se importante trazer em memória para as mulheres em particular e os moçambicanos em geral.

4.3.10. Realização

A fase da realização consistiu em produzir os protótipos, em batique e de forma terciária em Maputo (FEIMA, feira de artes Maputo). Esta técnica consiste em desenhar com cera sobre o tecido nas partes que não receberão tinta, e em seguida tingi-lo com várias cores, tendo sido umas das primeiras técnicas de estamparia na indonésia e mais tarde industrializado na Holanda.

A seguir faz-se uma apresentação dos protótipos escolhidos com os seus respetivos nomes, e os nomes são associados aos elementos dos padrões, pós na pesquisa do campo compreendeu-se que a capulana tem nome, e estes nomes são atribuídos relacionando com algum elemento ou acontecimento cultural, social, político, ou histórico.



Figura 4.28. Capulana Malangatana

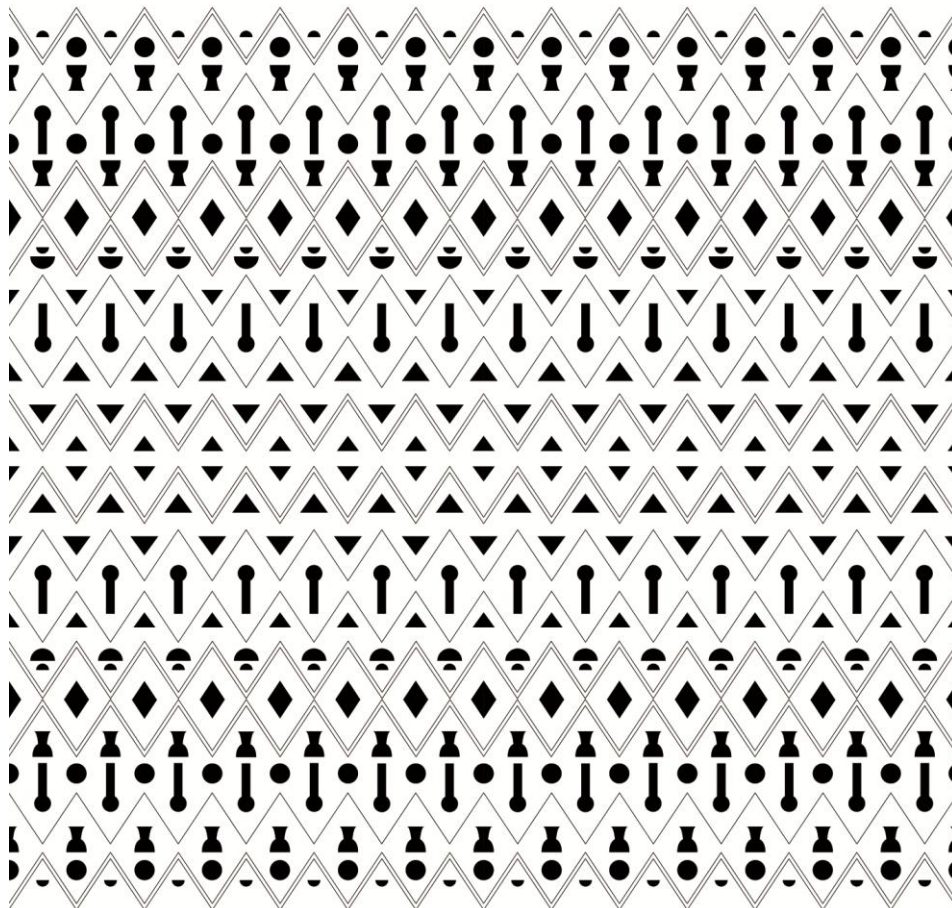


Figura 4.29. Capulana Dinembo



Figura 4.30. Capulana mafura



Figura 4.31. Capulana CFM

Ainda na fase da realização fez-se um estudo experimental que consistiu em averiguar junto das mulheres quais de entre as capulanas redesenhadas a que mais gostam e porquê. Em primeiro lugar foi escolhida a capulana Malangatana, em segundo a capulana CFM, terceiro a capulana dinembo e por fim a capulana mafura. A capulana Malangatana foi a mais votada pela sua composição artística e cromática, as mulheres em geral alegam identificar-se com este padrão porque podem facilmente combinar com outras peças de roupas de cores únicas, uma vez que o padrão tem uma complexidade de cores.

Por fim apresenta-se em anexo outras partes técnicas que constituem a parte do redesign da capulana, como o caso das etiquetas explicando como conservar a capulana, e o catálogo a explicar a simbologia e formas de uso da capulana, entre outras.

Capítulo 5. Conclusões e perspectivas futuras

Conclusões e perspectivas futuras

5.1. Conclusão

O trabalho teve como objetivo estudar a simbologia da capulana em Moçambique, concretamente na cidade de Maputo onde foram feitas as pesquisas de campo. Obtiveram-se várias conclusões em volta da simbologia da capulana, devido ao seu vasto significado.

As pesquisas de campo exploratório constituíram uma ferramenta importante. Através das fontes orais foi possível enriquecer a bibliografia, sendo a capulana em matéria de pesquisa um campo novo e menos explorado.

Foram entrevistadas mulheres adultas e jovens com idades compreendidas dos 18 a 60 anos, que constituíram o grupo alvo da pesquisa. Constatou-se que para as usuárias a capulana tem um significado além da estética, usam-na em vários momentos das suas vidas (cerimónias fúnebres, festas, e dia adia) e têm capulanas com nomes que são atribuídos relacionando com algum momento histórico, social, cultural. Compreendeu-se que apesar de a capulana não ter origem em Moçambique, a sua vasta simbologia e identidade dão-lhe um valor que lhe tem sido atribuído, ao longo da história, permitindo que represente os moçambicanos culturalmente. A capulana é um elemento indispensável na conquista do respeito social de tal forma que mesmo na luta pela sobrevivência, devido ao consumo excessivo da moda de outros países, os moçambicanos em particular os homens continuam a dizer publicamente que o melhor para a indumentária moçambicana é a capulana, e que gostam que mulher use capulana.

Por causa da capulana, as inúmeras diferenças resultam em igualdade. A capulana aproxima, une e eleva o sentimento de pertença, em cada geração se reinventa e adapta às necessidades dos novos utentes, conservando a simples forma de amarrar.

5.2. Perspetivas Futura

Em termos de perspetivas futuras importa para este trabalho analisar ainda a relação simbólica da capulana com alguns países africanos como Angola, Guiné Bissau entre outras que tem uma similaridade no uso da capulana e simbologia.

Assim, seria interessante compreender a origem da capulana nestes países e porque do uso similar simbólico. E que este trabalho sirva de referência para pessoas que se interessem da mesma área de pesquisa.

Pretende-se também como perspetiva futura do trabalho, reproduzir os padrões de forma industrializada como forma de trazer novas memórias em capulana para os moçambicanos e aos turistas. E que estas capulanas possam servir de inspiração para Designers que usam a capulana nas suas criações, transformando em peças de roupa. Assim como identidade duma marca Individual, serão desenvolvidos coleções de roupa para evento de moda Africa Fashion

Week lisboa (18/10/2017) e Moçambique Fashion week (6/12/2017), como forma de representar a marca "QuaQua" que é a minha marca de roupas.

E pretendo criar um evento individual em Moçambique, em março de 2018, onde irei convidar figuras importantes, Designers de moda moçambicanos, turistas, amigos e a televisão, onde vou mostrar uma coleção de roupas que será feita a partir dos padrões desenvolvidos.

E cada convidado terá direito a um catálogo que faz uma breve descrição da simbologia e uso da capulana (Fruto da pesquisa da autora Henriqueta Macuacua, que traz contribuições académicas dum tema pouco explorado para o seu meio cultural), e nível do marketing alargar o mercado para turistas.

Referências Bibliográficas

- André, J. (2016). *Reflexão sobre fatores de integração e rejeição social no uso da capulana*. Relatório de pesquisa de campo. Instituto de Investigação Sociocultural, Maputo, Moçambique.
- Batista, M. (1990). *Modernidade e Tempo*. 4ª Edição, Minerva Coimbra, Instituto de Estudos Filosóficos da Faculdade de Letras de Coimbra.
- Cedro, M. (2005). A modernidade em Marx e Weber. *Atas do SBG-XII Congresso Brasileiro de Sociologia*. Belo Horizonte-MG, FAFICH/UFMG, 31/5-3/6/2005. disponível em: http://www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=52&Itemid=171
- Fernandes, S. (2013). *Técnicas Criativas para a Criação de Design Têxtil e de Superfície*. Dissertação de Mestrado. Universidade da Beira Interior.
- Franco, F. e Fiadeiro, M. (2002). *Estampagem de materiais têxteis*. Universidade da Beira Interior. Covilhã.
- Granjo, P. (2005). *O Lobolo em Maputo "um velho idioma para novas vivências conjugais"*. 4ª Edição, Campo das letras.
- Grzebieluckas *et al.* (2011). Instrumento para identificação das necessidades do consumidor no processo de desenvolvimento do Design: um estudo ilustrado com o projeto de um automóvel. *Gest. Prod.*, São Carlos, v.18, n.2, p. 337-350. Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil. 10/2/2017 Acedido em: <http://www.scielo.br/pdf/gp/v18n2/09.pdf>.
- Engel, T (2009) *Métodos de Pesquisa*. 1ª edição, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Junod, H-A (1996). *Usos e Costumes dos Bantu*. Tomo I, Arquivo Histórico de Moçambique. Maputo.
- Schlogl, E. (2012). A Simbologia no Ensino Religioso Escolar. *Atas da JOINTH-Jornada Interdisciplinar de Pesquisa em Teologia e Humanidades*. Volume II, Escola de Educação e Humanidades.
- Martinez, F. (2009). *Antropologia Cultural*. 4ª edição, Paulinas Editora. Maputo. Moçambique
- Chambe, M. (2016). *O acesso, posse e controle das mulheres rurais nas comunidades do distrito de Inhambane*. Tese de doutoramento. Universidade de Brasília
- Paulo, G. (2011). Trauma e limpeza ritual de veteranos em Moçambique. Centro de estudos Africanos do ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa. 30/1/2012. Acedido em: <http://cea.revues.org>.
- Pieper, J. (2010). O conceito de tradição em Josef Pieper. Universidade de Brasília-UNB. *Religare*7(1)58-62,5/2010. Acedido em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/download/9769/5348>
- Polanah, L. (1987). *O Nhamussoro e as outras funções magico- religiosas*. Volume 7. Instituto de Antropologia. Universidade de Coimbra.

- .Renata, C. (2013). Capulana, representação e identidade da população de Moçambique. Universidade Luterana do Brasil. Actas do 9º Colóquio Moda, Fortaleza, Brasil. http://www.coloquiomoda.com.br/anais_ant/anais/9-Coloquio-de-Moda_2013/COMUNICACAO-ORAL/EIXO-3-CULTURA_COMUNICACAO-ORAL/Capulana.pdf.
- Ribeiro, S. (2010). Estudos semióticos, sobre símbolo, com base na semiótica de Peirce. 6/2010, Vol.6, n°1. Acedido em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49258>
- Roseiro A. (2013). *Símbolos e práticas culturais dos Makonde*. Tese de Doutoramento para obtenção de grau de Doutor em Antropologia Social e Cultural. Universidade de Coimbra.
- Ruthschilling, E. (2008). *Design de Superfície*. 1ª Edição. Porto Alegre: Ed. da UFRGS
- Santos, J. (2015). *Relatório de estágio- Ateliê nuno ladeiro A+D artigo sobre a cadeira "portuguesa"*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Belas Artes
- Torcato, L. (2011). *Capulanas e Lenços*. 3ª Edição, missanga ideias e projetos Lda. Moçambique.
- Venderlei, K. (2006). *Conceitos históricos*. 1ª edição. São Paulo.
- Yamane, L. (2008). *Estamparia Têxtil*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Programa de Pós-graduação da Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo.

Anexos

Anexo 1

Questionário

Questionário dirigido aos consumidores e usuários da capulana, a fim de perceber questões ligadas ao uso, simbologia e tradição.

Serão entrevistadas mulheres com idade compreendida dos 18 a 60 anos, incluindo os fornecedores da capulana e médicos tradicionais. Para captar opiniões a cerca do uso e simbologia da capulana

- Mulheres com idade compreendida dos 18 a 60 anos na cidade de Maputo
- Entrevista a fornecedores da capulana nas lojas da cidade de Maputo
- Entrevista aos médicos tradicionais na cidade de Maputo

Questões

Grupo A (Mulheres)

Idade.....

Cidade.....

Crença/religião.....

Profissão.....

1. O que é capulana e o que significa capulana para si?
2. Conhece a origem do nome capulana?
3. Em que momentos costuma usar a capulana e de que forma usa?
5. Existe alguma cor e padrões específicos em detrimento dos lugares?
4. Considera a capulana cultura moçambicana? E porque?
5. O que te motiva na compra da capulana? São os padrões ou cores?
6. O que acrescentaria a novas capulanas introduzidas no mercado?
7. O que acha de uma tecnologia de informação sobre uso e conservação da capulana?
8. Existe algum método de conservação, e lavagem?
9. O que acha da introdução das etiquetas nas capulanas ou catálogo, que explicassem formas de uso, simbologia e conservação?

Grupo B (Entrevista a fornecedores da capulana nas lojas da cidade de Maputo)

Idade.....

Cidade.....

Crença/religião.....

1. O que é capulana?

2. Conhece a origem do nome capulana?
3. Onde são fabricadas as capulanas?
4. Qual é o sistema de seleção das capulanas vendidas nas lojas para os consumidores e usuários?
5. O que os clientes mais procuram ou compram nas capulanas?
6. Quem é que atribui nomes tradicionais as capulanas?
7. Existe alguma forma específica para conservar a capulana?
8. Porque é que as capulanas não incluem etiquetas com informação sobre a conservação ou uso da capulana, tomando em consideração que ela é usada em função dos lugares.
8. O que acha de uma tecnologia de informação sobre uso e conservação da capulana?
9. Existe algum método de conservação, eterno de lavagem?
10. O que acha da introdução das etiquetas ou catalogo nas capulanas, que explicassem formas de uso, simbologia e conservação?

Grupo C (Entrevista aos médicos tradicionais na cidade de Maputo)

Idade.....

Cidade.....

Crença/religião.....

1. O que é capulana?
2. Conhece a origem do nome capulana?
3. Que tipo de padrões usam na capulana?
4. Qual é o significado dos padrões da capulana usados na medicina tradicional?
5. O que aconteceria a uma pessoa que não é curandeira (o), usar capulanas com padrões específicos para curandeira (o)s?
6. Acha importante a introdução de etiquetas nas capulanas que incluíam informação do tipo de capulana e formas de conservação para os que inocentemente ou turistas usam de forma inadequada por falta de conhecimento?
7. Quais são os aspetos em falta nas capulanas existentes no mercado para os curandeiros (a)s?
8. O que acrescentaria de novo nos padrões/cores das capulanas para curandeiros?



A imagem A é um exemplo da capulana existente no mercado com apenas a marca da fábrica sem a descrição da conservação da capulana, que constitui um elemento importante por se tratar dum material que perde a coloração. E o B é a proposta que inclui o redesign da etiqueta explicando formas de como conservar ou lavar a capulana.





Este painel contém imagens da capulana **mucume**, a capulana grande com renda no meio. A capulana **mucume** é uma das capulanas mais antigas e simbólicas. A imagem um, ilustra uma mulher viúva coberta com o **mucume** numa cerimónia fúnebre, no ato de esconder o choro. Esta prática cultural é costume em algumas regiões de Moçambique.

A figura dois contém uma imagem do **mucume** e **vemba**, sendo o **mucume** a capulana maior com renda branca no meio e o **vemba** a menor. E por último a figura três mostra outra forma de usar o **mucume**, que se enrola fazendo de saia e **vemba**, colocada ao ombro de forma a combinar. O traje pode ser usado no quotidiano e em épocas festivas. É comum os homens presentear as suas esposas com o **mucume**, por ser uma capulana com um tamanho maior. É usado em grandes viagens como cobertor e na cerimónia de lobolo no processo da entrega do dote à família da noiva.



Estas capulanas são específicas para curandeiros, não sendo aconselhável o seu uso por pessoas que não desempenham a função do curandeirismo, expeto se for recomendado pelo curandeiro no processo do tratamento de certas doenças. Cada capulana ou padrão tem um significado. A capulana preta é usada por médicos tradicionais com espírito forte e com experiência profissional na área da medicina tradicional. A capulana branca é usada para simbolizar a paz e criar harmonia entre familiares em conflitos ou brigas, como traições conjugais ou doenças espirituais. Os desenhos ilustrados variam, entre animal de cobra, leão. Têm o fundo preto ou branco e os desenhos de animais são a vermelho e preto. Os desenhos são carregados de significados, dependendo de cada espírito. Por exemplo o padrão com cobra significa que o médico usa elementos da cobra no seu trabalho, usando gordura, pele de cobra, na cura de algumas doenças como por exemplo problemas de ouvido. Quando o padrão tem leão significa símbolo de guerra, o médico sente-se protegido com o animal para se defender dos maus espíritos e para lidar com doenças mais complicadas ou difíceis de curar.

A imagem 1 é uma capulana usada como ferramenta de difusão de mensagens contra doenças como a AIDS, malária, cólera ou mesmo campanhas de vacinação. As capulanas são também usadas para veicular mensagens educativas.

A imagem 2 é uma capulana de campanha Política, em comemoração aos 40 anos da independência em Moçambique. É também utilizada em campanhas eleitorais, nas quais os partidos políticos mandam fazer capulanas decoradas com fotografias e símbolos partidários e oferecem-nas às mulheres de modo a persuadir a população a votar no seu partido



1.



2.



Estas capulanas podem ser usadas por todas as classes sociais, em diferentes momentos e lugares, podendo ser usadas de forma tradicional, em épocas festivas e em cerimónias fúnebres. As mulheres amarram-nas de forma a cobrir o corpo como sinónimo de respeito, sem restrição do tipo de cor ou padrão. Também são capulanas adequadas para uso quotidiano, pois pela sua cor, forma geométrica, e motivo florestal permitem uma fácil combinação e modelagem.

Esta é a forma mais comum e tradicional de amarrar a capulana. A figura mostra os passos a seguir que finalizam com um nó.





A capulana também é usada para aconchegar o bebê nas costas, permitindo um maior contacto entre a mãe e a criança.



FASHION

